

Maria Madalena: uma tragédia burguesa em três atos

*Friedrich Hebbel**

Personagens

Mestre Antônio (Meister Anton), um carpinteiro

Sua esposa

Clara (Klara), sua filha

Carlos (Karl), seu filho

Leonardo (Leonhard)

Um secretário

Wolfram, comerciante

Adão (Adam), meirinho

Um segundo meirinho

Um rapaz

Uma empregada

Lugar: uma cidade mediana

PRIMEIRO ATO¹

Um quarto na casa do mestre carpinteiro.

PRIMEIRA CENA

Clara, a mãe.

* Tradução em português do texto de Friedrich Hebbel feita por Dionei Mathias, doutor em Letras pela Universidade de Hamburgo e pela Universidade Federal do Paraná. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria. Endereço eletrônico: dioneimathias@gmail.com

¹ Nota do tradutor: O texto no original utiliza três pronomes pessoais diferentes para indicar níveis crescentes de formalidade. Na tradução, optou-se por utilizar “tu”, “você” e “o Senhor/a Senhora”.

CLARA: Teu vestido de casamento! Nossa, como te cai bem! É como se tivesse sido feito para os dias de hoje!

MÃE: Sim, filha, a moda avança tanto, até não poder mais e ter que voltar. Esse vestido já esteve fora de modo umas dez vezes e sempre voltou novamente.

CLARA: Mas dessa vez, não bem, querida mãe! As mangas estão muito longas. Não fique chateada com isso!

MÃE, *sorrindo*: Então eu teria que ser tu!

CLARA: Foi assim então que tu parecias! Mas uma grinalda tu também usaste, não é?

MÃE: É o que espero! Para que teria cuidado do pé de murta por anos num vaso!

CLARA: Eu te pedi tantas vezes e tu nunca o vestiste, tu sempre disseste: não é mais meu vestido de noiva, agora é minha mortalha, e com isso não se brinca. Ultimamente já nem quis mais vê-lo, pois, quando estava pendurado aí nesse branco, sempre me lembrava da tua morte e do dia, em que as mulheres velhas o passariam por tua cabeça. – Por que hoje?

MÃE: Quando se está na cama tão doente como eu e não se sabe se vai ficar bem novamente, muita coisa passa pela cabeça. A morte é pior do que a gente imagina, ah, ela é amarga! Ela torna o mundo sombrio, apaga, uma após a outra, todas as luzes que tremelicam tão coloridas e divertidas no meio da gente; os olhos gentis do homem e das crianças param de brilhar e tudo fica escuro, mas no coração se acende uma luz, lá fica claro e se vê muito, muito mesmo, o que não se deseja ver. Eu não tenho consciência de nada de mau, andei no caminho de Deus, fiz em casa o que pude, criei a ti e a teu irmão no temor ao Senhor e não esbanjei o suor amargo do pai de vocês, mas também soube reservar algum dinheiro para os pobres, e quando por vezes rejeitei a algum, porque estava aborrecida no momento ou porque vieram muitos, não foi uma desgraça para ele, pois certamente o chamei de novo e lhe dei em dobro. Ah, o que é tudo isso! A gente treme, sim, diante da hora derradeira quando ela ameaça chegar, a gente se retorce como um verme, implora a Deus pela vida como um servo que suplica ao senhor que o deixe fazer o trabalho mal feito mais uma vez, para não ficar em desvantagem no dia do pagamento.

CLARA: Para com isso, querida mãe, isso não te faz bem!

MÃE: Não, filha, me faz bem! Não estou aí novamente com força e saúde? O senhor não me chamou somente para que reconheça que o vestido de festa ainda não está imaculado e puro, e, à porta do túmulo, ele não me deixou voltar, dando-me um prazo para me enfeitar para o casamento celestial? Tão misericordioso foi ele com aquelas sete virgens do evangelho que tu tiveste que ler para mim ontem à noite, não foi? Por isso eu pus este traje hoje, pois vou à

santa ceia. Eu o usei no dia em que tomei as melhores e mais piedosas decisões da minha vida. Ele deve me advertir para aquelas que ainda não cumpri!

CLARA: Tu ainda falas como na tua doença!

SEGUNDA CENA

CARLOS, *entra*: Bom dia, Mãe! Então, Clara, me suportarias se não fosse teu irmão?

CLARA: Uma corrente de ouro? De onde a tens?

CARLOS: Para que eu suo? Por que eu trabalho duas horas a mais que os outros, à noite? Tu és impertinente!

MÃE: Briga no domingo de manhã? Cria vergonha, Carlos!

CARLOS: Mãe, tu não tens uma moedinha de ouro para mim?

MÃE: Não tenho dinheiro além do necessário para os gastos da casa.

CARLOS: Me dá desse mesmo! Não vou reclamar se fizeres as panquecas um pouco mais finas por catorze dias. Tu já o fizeste várias vezes desse jeito! Eu bem sei disso! Quando foi poupado para o vestido branco de Clara, não havia nada de gostoso na mesa, por meses. Fechei os olhos, mas sabia muito bem que estava a caminho um novo enfeite para a cabeça ou outro vestido. Então, uma vez, deixe-me tirar proveito disso também.

MÃE: Tu és um sem-vergonha!

CARLOS: Só não tenho tempo, do contrário – *Quer ir*.

MÃE: Aonde vais?

CARLOS: Não quero te dizer, então tu podes responder sem corar que não sabes quando o velho resmungão perguntar por mim. No mais, nem preciso da tua moeda de ouro, é melhor que a água não seja retirada toda de um poço. *Para si*. Aqui em casa todos sempre pensam o pior de mim; como não iria me alegrar em deixá-los no medo? Por que deveria dizer que, em não recebendo a moedinha, agora já tenho que ir à igreja, se um conhecido do passado não me ajudar? *Sai*.

TERCEIRA CENA

CLARA: Qual o significado disso?

MÃE: Ah, ele me causa muita dor! Sim, sim, o pai tem razão, essas são as consequências! Tão querido como pedia o docinho quando era pequeno com cabelos encaracolados, tão

teimoso ele exige agora a moeda de ouro! Será que ele realmente não exigiria a moeda de ouro agora, se lhe tivesse negado o docinho? Isso me atormenta muitas vezes! E acredito que nem me ama. Tu o viste chorar uma única vez durante minha doença?

CLARA: Eu só o via raramente, quase só na mesa. Mais apetite que eu ele tinha!

MÃE, *rapidamente*: Isso era natural, ele tinha que fazer o serviço pesado!

CLARA: Claro! E como os homens são! Eles se envergonham de suas lágrimas mais do que de seus pecados! Um punho cerrado, por que não mostrá-lo, mas um olho marejado? O pai também! Não soluçou em seu banco de carpinteiro na tarde em que lhe fizeram a sangria e não queria sair sangue, de tal modo que doeu em toda minha alma! Mas o que disse, quando me aproximei dele e acariciei seu rosto? “Vê se consegue tirar o maldito cisco do meu olho, a gente está tão atarefada que não sai do lugar!”.

MÃE, *sorrindo*: Sim, sim! Já nem vejo mais o Leonardo. Por quê?

CLARA: Que fique longe!

MÃE: Eu espero que não o estejas vendo em outro lugar que não seja aqui em casa!

CLARA: Por acaso fico muito tempo fora quando vou ao poço à noite, para teres motivos de suspeita?

MÃE: Não, isso não! Mas somente por isso lhe permiti que viesse a nossa casa, para que não fique à tua espreita à noite, na névoa. Isso minha mãe tampouco permitia!

CLARA: Eu não o vejo!

MÃE: Estão brigados? Eu gosto dele, ele é tão sério! Só falta ele ser alguma coisa! Nos meus tempos, ele não poderia ter esperado muito tempo. Os senhores se matavam por um escrivão habilidoso como os aleijados por uma muleta, pois eram raros. Também pessoas simples como nós precisávamos dele. Hoje ele escreveria para o filho uma carta com votos de ano novo ao pai e receberia só pela letra dourada inicial o suficiente para poder comprar uma boneca a uma criança. Amanhã o pai acenaria e pediria que lhe lesse os votos, às escondidas, a portas fechadas para não ser surpreendido e ver a ignorância descoberta. Isso dava pagamento em dobro. Naquela época os escrivães estavam por cima e faziam o preço da cerveja subir. Agora é diferente, agora nós velhos que não sabemos ler nem escrever somos motivo de piada para meninos de nove anos! O mundo está cada vez mais sábio, talvez ainda venha um tempo em que aqueles que não sabem dançar sobre uma corda bamba tenham que se envergonhar!

CLARA: A campainha!

MÃE: Bom, filha, quero rezar por ti! E quanto a teu Leonardo, ama-o como ele ama a Deus, nem mais, nem menos. Assim falava minha velha mãe pra mim, quando deixou o mundo e me deu a bênção, eu a mantive por muito tempo e aqui a tens novamente!

CLARA (*lhe dá um buquê*): Aqui!

MÃE: Certamente é de Carlos!

CLARA (*acena com a cabeça, e à parte*): Queria que fosse assim! Para que realmente lhe proporcione felicidade, tem que vir dele!

MÃE: Oh, ele é bom e me ama! (*sai*).

CLARA (*a acompanha com olhar pela janela*): Lá vai! Três vezes sonhei que estava no caixão, e agora – os sonhos malvados, eles se vestem em nosso temor para assustar nossas esperanças! Nunca mais quero me importar com um sonho, não quero me alegrar quando for bom para não precisar ter medo do mau, que vem em seguida! Como anda firme e segura! Já está perto da igreja – quem será o primeiro a encontrá-la? Não tem importância, não, só quero dizer – *assustada e estremecendo*. O coveiro! Ele acabou de fazer uma cova e está saindo dela, ela o cumprimenta e olha sorridente para a cova sombria, agora ela joga o buquê para dentro dela e entra na igreja.

Ouve-se um coral.

Eles cantam: “Agora agradeçam todos a Deus!” *Ela cruza as mãos*. Sim! Sim! Se minha mãe tivesse morrido, nunca mais teria recobrado meu sossego, pois – *Com um olhar em direção ao céu*. Mas Tu és clemente, Tu és misericordioso! Queria ter uma fé como a dos católicos, para que pudesse Te presentear com algo! Pegaria todas minhas economias e Te compraria um belo coração dourado e o entrelaçaria com rosas. Nosso pastor diz que diante de Ti as dádivas não são nada, pois tudo é Teu, e não se deveria querer dar a Ti o que já tens! Mas tudo que está dentro de casa também pertence a meu pai e ainda assim ele se alegra quando lhe compro um pano com seu dinheiro e o bordo bem bonito para colocar sobre seu prato no dia do seu aniversário. Sim, ele me dá a honra de só usá-lo nas datas mais especiais, para o Natal ou para Pentecostes! Certa vez vi uma menina católica bem pequena que levava suas cerejas ao altar. Como isso me agradou! Foram as primeiras que a menina conseguira naquele ano, eu vi como ela desejava comê-las! Ainda assim reprimiu sua avidez inocente e as lançou rapidamente para dar fim à tentação. O padre que levantava o cálice olhou com cara séria e a criança saiu correndo assustada, mas a Maria sobre o altar sorria tão docemente como se desejasse sair da sua moldura para correr atrás da criança e beijá-la. Eu o fiz por ela! Lá vem Leonardo! Ah!

QUARTA CENA

LEONARDO (*na frente da porta*): vestida?

CLARA: Por que assim tão sensível, tão cheio de cuidados? Continuo não sendo uma princesa.

LEONARDO (*entra*): Pensei que não estivesses sozinha! Ao passar tive a impressão que era a Barbarazinha do vizinho que estava à janela.

CLARA: Por isso então!

LEONARDO: Tu sempre estás aborrecida! Pode-se ter ficado longe por catorze dias, chuva e sol podem ter se revezado dez vezes no céu, no teu rosto permanece, quando finalmente se volta, a mesma velha nuvem!

CLARA: Havia outros tempos!

LEONARDO: Verdade! Se sempre tivesses tido essa aparência como agora, nunca teríamos nos tornado amigos!

CLARA: Qual foi motivo?

LEONARDO: Assim tão livre tu sentes de mim? Para mim está bem! Então – *com ênfase* – tua dor de dente do outro dia não significou nada!

CLARA: Oh Leonardo, isso não foi certo da tua parte!

LEONARDO: Não foi certo que procurei ligar a mim o meu bem maior, pois isso tu és, também por meio do último laço? E no momento em que me encontro em perigo de perdê-lo? Tu achas que não via os olhares tácitos que trocavas com o secretário? Foi um dia de muita alegria pra mim! Te levo para dançar e –

CLARA: Tu não paras de me ofender! Eu olhei para o secretário, por que deveria negá-lo? Mas somente por causa do bigode que ele deixou crescer na Academia e que lhe – *ela para pra pensar*.

LEONARDO: Cai tão bem, não é verdade? Isso tu querias dizer? Oh vocês mulheres! A vocês agrada o jeito de soldado ainda em sua pior caricatura! A mim o rosto pequeno, ridiculamente redondo desse palhaço vaidoso parecia, eu estou indignado com ele, não o escondo, ele ficou tempo suficiente no meu caminho a ti, com esse mato de cabelo que o corta no meio, como se fosse um coelho branco que se esconde atrás do mato.

CLARA: Eu ainda não o elogiei, tu não precisas ofendê-lo.

LEONARDO: Tu ainda pareces te compadecer calorosamente dele!

CLARA: Quando criança, nós brincamos juntos, e depois – tu bem o sabes!

LEONARDO: Sim, eu sei! Por isso mesmo!

CLARA: Deve ter sido natural que eu, que o via pela primeira vez depois de tanto tempo, olhasse para ele e me admirasse sobre o tamanho – *Ela se interrompe.*

LEONARDO: Por que ficaste vermelha quando ele olhou para ti novamente?

CLARA: Acreditei que olhava para a verruguinha na minha bochecha esquerda, para ver se também tinha ficado maior! Tu sabes que sempre imagino isso quando alguém fica me olhando fixamente e que então sempre fico vermelha. É como se a verruga crescesse enquanto alguém fica olhando para ela!

LEONARDO: Seja como for, eu percebi e pensei: Ainda esta noite vou testá-la! Se ela quiser ser minha mulher, ela saberá que não arrisca nada. Se disser não, então –

CLARA: Oh, tu disseste uma palavra má, má quando te empurrei e me levantei do banco. A lua que até aquele momento brilhara tão piedosamente a meu favor por entre a folhagem, se afogou miseravelmente nas nuvens molhadas, queria sair correndo, mas me sentia retida, acreditei no primeiro momento que eras tu, mas foi a roseira que segurava meu vestido com seus espinhos como se fossem dentes, tu blasfemaste meu coração e eu mesma não confiava mais nele, estavas na minha frente como alguém que exige uma culpa, eu – ah Deus!

LEONARDO: Eu ainda não consigo sentir remorso. Eu sei que só pude te manter a meu lado desse modo. O antigo amor juvenil voltou a abrir seus olhos, não pude fechá-los rápido o suficiente.

CLARA: Quando cheguei em casa, encontrei minha mãe doente, entre a vida e a morte. Repentinamente arrasada, como por uma mão invisível. Meu pai queria mandar me buscar, ela não permitiu para não me atrapalhar em minha alegria. Como não me senti, quando ouvi isso! Eu fiquei longe, não ousava tocá-la, tremia. Ela achou que era preocupação infantil e fez sinal para que me aproximasse; quando me aproximei lentamente, ela me puxou para junto dela e beijou minha boca profanada. Eu me desfazia, eu queria ter lhe confessado, ter gritado o que pensava e sentia: Por minha causa tu estás aí assim! Eu fiz isso, mas lágrimas e soluços sufocavam as palavras, ela pegou a mão de meu pai e falou com um olhar feliz: “Que coração!”

LEONARDO: Ela recobrou sua saúde. Vim para lhe dar meus parabéns e – o que achas?

CLARA: E ?

LEONARDO: Pedir tua mão a teu pai!

CLARA: Oh!

LEONARDO: Não te agrada?

CLARA: Não me agradar? Seria minha morte se não me tornasse logo tua mulher, mas tu não conheces meu pai! Ele não sabe por que temos pressa, ele não pode saber e não podemos lhe dizer, e ele explicou cem vezes que somente daria sua filha àquele, como ele diz, que não tem somente amor no coração, mas também pão no armário. Ele vai falar: Espere mais um ano, meu filho, ou dois, e o que queres responder?

LEONARDO: Boba, esse ponto acaba de ser resolvido! Tenho o emprego, sou cobrador!

CLARA: Tu és cobrador? E o outro candidato, o sobrinho do pastor?

LEONARDO: Estava bêbado quando foi ao exame, se curvou diante da lareira no lugar de se curvar diante do prefeito e, ao sentar, derrubou três xícaras. Tu sabes como o velho é esquentado. “Senhor!”, gritou, mas ainda se controlou e mordeu seus lábios, mas seus olhos faiscavam pelos óculos como um par de cobras que queriam dar o bote e todo seu rosto estava tenso. Agora era a hora de calcular, e haha! Meu rival fez as contas com uma tabuada inventada por ele que deu resultados completamente novos. “Esse está se atrapalhando nas contas!”, disse o prefeito e me deu, com um olhar, em que já estava o cargo, a mão que, apesar do cheiro de tabaco, eu levei humildemente a minha boca – aqui está o certificado da posse, assinado e selado!

CLARA: Isso vem –

LEONARDO: inesperadamente, não é? Bom, mas também não vem do nada. Por que não os visitei por catorze dias?

CLARA: Como vou saber? Eu acho, porque brigamos domingo passado!

LEONARDO: Essa briguinha eu mesmo causei arditosamente, para poder ficar longe sem que ficasse óbvio demais.

CLARA: Não te entendo!

LEONARDO: Acredita. Eu utilizei o tempo para fazer a corte à pequena sobrinha corcunda do prefeito, que vale tanto para o velho e que é sua mão direita como o meirinho é a esquerda. Entende bem! Não lhe disse nada agradável, com exceção de um elogio sobre seus cabelos, que como todos sabem são vermelhos, eu só lhe disse algo sobre ti, que lhe deve ter agradado!

CLARA: Sobre mim?

LEONARDO: Por que deveria ocultá-lo? Se aconteceu na melhor das intenções! Como se as minhas intenções não tivessem sido sérias contigo, como se – suficiente! Demorou o tempo necessário para ter isso em mãos, e a minha intenção, a tola crédula, ninfomaníaca vai descobrir assim que nos ouvir na igreja.

CLARA: Leonardo!

LEONARDO: Criança! Criança! Sê tu sem falsidade como a pomba, eu quero ser esperto como a cobra, então satisfaremos perfeitamente o verso do Evangelho, já que homem e mulher são somente um. *Ri*. Tampouco aconteceu bem naturalmente que o jovem Hermann estivesse embriagado no momento mais importante de sua vida. Tu certamente não ouviste que o homem é dado à bebida!

CLARA: Nenhuma palavra.

LEONARDO: Assim meu plano deu certo bem mais facilmente. Com três copos estava resolvido. Alguns compadres meus tiveram que cercá-lo. “Pode-se dar os parabéns?” – “Ainda não!” – “Oh, está tudo combinado! Teu tio-“ E agora: Bebe, irmão, bebe! Quando ia para tua casa hoje de manhã, ele estava ao rio e olhava, se inclinando sobre a ponte, melancolicamente para baixo. Eu o cumprimentei zombeteiramente e lhe perguntei se lhe tinha caído algo na água. “Sim senhor”, disse, sem olhar pra mim, “e talvez fosse bom eu pular atrás.”

CLARA: Sem caráter! Sai das minhas vistas!

LEONARDO: Sim? *Vai, como se quisesse ir*.

CLARA: Meu Deus, a essa pessoa estou acorrentada!

LEONARDO: Não seja uma criança! E mais uma coisa entre nós. Teu pai ainda tem os mil táleres investidos na farmácia?

CLARA: Eu não sei nada disso.

LEONARDO: Nada sobre um ponto tão importante?

CLARA: Lá vem meu pai.

LEONARDO: Me entende! Dizem que o farmacêutico está perto da falência, por isso pergunto!

CLARA: Preciso ir à cozinha. *Sai*.

LEONARDO (*sozinho*): Aqui não tem o que buscar! Eu não consigo imaginar isso, pois o Mestre Antônio é do tipo que, se alguém por descuido coloca uma letra a mais na lápide, seu espírito certamente não encontraria sossego até que ela fosse retirada, pois ele consideraria desonesto apropriar-se mais do alfabeto do que lhe corresponderia!

QUINTA CENA

O PAI, MESTRE ANTÔNIO (*entra*): Bom dia, senhor cobrador! *Tira seu chapéu e coloca uma touca de lã*. É permitido a um velho homem cobrir sua cabeça?

LEONARDO: Você² sabe

MESTRE ANTÔNIO: Já ontem à noite. Estava anoitecendo quando fui ao moleiro falecido, a fim de lhe tirar as medidas para a última morada. Eu escutei alguns de seus bons amigos censurá-lo. Logo pensei: O Leonardo certamente não quebrou o pescoço. Na capela mortuária ouvi mais do sacristão, que chegara antes de mim para consolar a viúva e além disso se embriagar.

LEONARDO: E a Clara só ficou sabendo por mim?

MESTRE ANTÔNIO: Se nada o motivou a fazer essa alegria à menina, como deveria motivar a mim? Não acendo velas na minha casa, a não ser aquelas que me pertencem a mim mesmo. Então eu sei que ninguém pode vir para apagá-las quando tivermos nosso maior prazer nelas!

LEONARDO: Poderia ter pensado de mim –

MESTRE ANTÔNIO: Pensar? De você? De qualquer um? Com meu ferro, eu aplino minhas tábuas de algum jeito, mas jamais as pessoas com meus pensamentos. Há muito que já passei dessa tolice. Quando vejo uma árvore verdejar, eu penso sim: Em breve vai florescer! E quando floresce: Agora trará frutos! Nisso tampouco me vejo decepcionado, por isso não renuncio a esse velho costume. Mas sobre pessoas não penso nada, absolutamente nada, nada de mau, nada de bom, então não preciso enrubescer ou empalidecer alternadamente, quando enganam meu temor ou minha esperança. Só tenho minhas experiências com elas e tomo como exemplo meus dois olhos que tampouco pensam, só veem. Sobre você imaginei já ter toda uma experiência e a agora o encontro aqui e tenho que admitir que foi somente uma meia experiência!

LEONARDO: Mestre Antônio, você está fazendo bem ao contrário. A árvore depende de vento e chuva, o ser humano tem em si lei e regra!

MESTRE ANTÔNIO: Você acha? Sim, nós velhos devemos gratidão à morte por ainda nos deixar perambular por tanto tempo entre vocês jovens e nos dar a oportunidade de aprender. Antigamente o tolo mundo acreditava que o pai estava aí para educar o filho. O contrário, o filho deve dar o último polimento ao pai para que na cova o pobre e simplório homem não tenha que se envergonhar diante dos vermes. Graças a Deus, eu tenho no meu Carlos um bom professor que, sem ter consideração e sem mimar a velha criança com benevolência, ataca meus preconceitos. Ainda hoje de manhã ele me deu duas lições e da forma mais habilidosa, sem mesmo abrir a boca, sem mesmo deixar-se ver diante de mim, sim, bem desse jeito.

² Nota do tradutor: mudança de tratamento

Primeiramente ele me mostrou que não é preciso manter a palavra, segundo, que é supérfluo ir à igreja e reavivar em si os mandamentos de Deus. Ontem à noite ele me prometeu que o faria e eu estava certo que ele viria, pois pensei: Ele vai querer agradecer o bondoso Criador pela recuperação de sua mãe. Mas não esteve lá; o meu lugar, que para duas pessoas naturalmente é um tanto apertado, estava bem confortável. Será que ele ia gostar se adotasse a nova doutrina e não mantivesse minha palavra para com ele? Eu lhe prometi um terno novo para o seu aniversário e teria a oportunidade de verificar sua alegria sobre minha capacidade de aprender. Mas o preconceito, o preconceito! Eu não farei isso!

LEONARDO: Talvez não estivesse bem –

MESTRE ANTÔNIO: Possivelmente, só preciso perguntar a minha esposa, então com certeza ouvirei que ele está doente. Pois sobre tudo no mundo ela me diz a verdade, só sobre o rapaz que não. Mesmo se não tiver doente – também nisso os jovens estão na frente dos velhos, no fato de encontrarem edificação espiritual em todo lugar, de poderem ser devotos pegando pássaros, passeando, sim, no boteco. “Pai nosso que estás no céu!” – “Bom dia, Pedro, a gente se vê no baile?” – “Santificado seja teu nome!” – “Sim, fica rindo, Catarina, vou dar um jeito” – “Seja feita a tua vontade!” – “Aos diabos, ainda não me barbeei!” – E assim até o final, e a bênção a gente mesmo se dá, pois se é tão humano quando o pregador, e a força que emana da vestimenta negra, certamente também se encontra na azul. Não tenho nada contra e se vocês quiserem intercalar sete copos entre os sete pedidos, qual a diferença, não posso provar a ninguém que cerveja e religião não andam juntas, e talvez isso ainda surja na liturgia como um novo modo de tomar a santa ceia. Eu velho pecador, no entanto, não sou forte o suficiente para participar dessa moda, não consigo capturar a devoção como um besouro na rua, para mim o cantarolar dos pardais e das andorinhas não substitui o órgão, quando devo sentir meu coração elevado, preciso primeiro ouvir as pesadas portas férreas da igreja serem fechadas atrás de mim e imaginar que foram os portões do mundo; os altos muros sombrios com as janelas estreitas, que deixam a irreverente luz do mundo entrar somente obscurecidas, como se a peneirassem, teriam que se juntar em minha volta e na distância teria que poder enxergar o ossuário com a caveira cimentada. Bom – seguro morreu de velho!

LEONARDO: Você também é correto demais.

MESTRE ANTÔNIO: Certo, certo! E hoje, como homem honesto tenho que admitir, nem é o caso, na igreja perdi a devoção, pois o lugar vago a meu lago me deixou aborrecido, e lá fora debaixo da pereira no meu jardim a encontrei novamente. Você se admira? Veja, fui para casa triste e cabisbaixo como alguém cuja colheita foi destruída pelo granizo, pois filhos são como

campos, você semeia suas boas sementes e o que nasce é erva daninha. Sob a pereira, que a lagarta deixou pelada, fiquei parado. Sim – pensei – o menino é que nem essa aí, vazio e careca. Nisso de repente tive a impressão de estar muito sedento e ter que ir ao bar. Enganei a mim mesmo, não estava interessado num copo de cerveja, o único motivo era procurar o garoto e censurá-lo; no bar, eu sabia, certamente o teria encontrado. Estava querendo ir, nisso a velha e prudente árvore deixa cair aos meus pés uma suculenta pera como se quisesse dizer: Isso é para a sede e porque me ofendeste ao me comparar com teu moleque! Eu refleti, dei uma mordida e entrei na casa.

LEONARDO: Você sabe que o farmacêutico está perto da falência?

MESTRE ANTÔNIO: O que me interessa isso?

LEONARDO: Nem um pouco?

MESTRE ANTÔNIO: Sim! Sou cristão. O homem tem muitos filhos!

LEONARDO: E ainda mais credores. Também os filhos são uma espécie de credores.

MESTRE ANTÔNIO: Feliz aquele que não é nenhum dos dois!

LEONARDO: Eu pensei que você mesmo –

MESTRE ANTÔNIO: Isso está resolvido há muito tempo.

LEONARDO: Você é um homem prudente. Certamente logo exigiu seu dinheiro de volta quando viu que o comerciante de ervas estava indo à falência!

MESTRE ANTÔNIO: Sim, eu não preciso mais tremer com medo de que vou perdê-lo, pois há muito o perdi.

LEONARDO: Está brincando!

MESTRE ANTÔNIO: Sério!

CLARA (*aparece à porta*): Você chamou, pai?

MESTRE ANTÔNIO: Teus ouvidos já estão vermelhos? A conversa ainda não era sobre ti!

CLARA: O jornal! *Sai.*

LEONARDO: Você é um filósofo!

MESTRE ANTÔNIO: O que quer dizer isso?

LEONARDO: Você sabe manter o controle!

MESTRE ANTÔNIO: Às vezes uso uma mó como colarinho, no lugar de ir para água com ela – isso dá costas fortes!

LEONARDO: Quem pode, faz igual!

MESTRE ANTÔNIO: Quem encontra um parceiro de lida tão corajoso como pareço encontrar em você, esse deve poder até mesmo dançar sob o fardo. Puxa, você ficou bem pálido! Isso eu chamo de simpatia!

LEONARDO: Não me entenda mal!

MESTRE ANTÔNIO: Certo que não! (*Tamborila numa cômoda*). Que a madeira não é transparente, hein?

LEONARDO: Não o entendo!

MESTRE ANTÔNIO: Quão ingênuo era nosso avô Adão que ficasse com Eva, embora estivesse pelada e nua e nem ao menos trouxesse a folha da figueira. Nós dois, eu e você, a teríamos expulso do paraíso a chicotadas como uma vagabunda! O que acha?

LEONARDO: Você está aborrecido com seu filho. Eu vim, para pedir sua filha –

MESTRE ANTÔNIO: Espere! Talvez não diga não!

LEONARDO: Isso espero! E eu quero lhe dizer minha opinião! Até mesmo os santos pais não dispensaram o tesouro de suas mulheres, Jacó amou Raquel e por sete anos tentou conquistá-la, mas ele também se alegrou com os gordos carneiros e as ovelhas que conseguiu no serviço ao pai dela. Eu penso que isso não é motivo de vergonha e superá-lo significa fazê-lo enrubescer. Eu gostaria de ter visto que sua filha me tivesse trazido uns cem tálares, e isso foi natural, pois uma vida ainda melhor ela mesma poderia ter tido ao meu lado. Quando uma moça traz a cama na mala, não precisa primeiro juntar lã e tecer fios. Não é o caso – faz diferença? Faremos da comida de jejum um almoço de domingo e do assado de domingo o nosso banquete de Natal! Assim também dá!

MESTRE ANTÔNIO (*lhe dá a mão*): Você fala bem e nosso Senhor Deus acena a suas palavras, bom – eu quero esquecer que por catorze dias que minha filha pôs em vão uma xícara na mesa para você na hora do chá. E agora que você se tornará meu genro também quero lhe dizer onde ficaram os cem tálares!

LEONARDO (*à parte*): Então sumiram mesmo! Bom, então não preciso aturar nada desse velho lobisomem, quando for meu sogro!

MESTRE ANTÔNIO: Passei muita dificuldade quando era jovem. Tão pouco quanto você, vim ao mundo como um porco-espinho eriçado, mas aos poucos fui me tornando um. Primeiro todos os meus espinhos estavam para dentro, aí beliscavam e apertavam a seu bel-prazer contra minha pele flexível e lisa e se alegravam, quando estremecia, porque as pontas me feriam no coração e nas vísceras. Mas essa coisa não me agradava, eu virei a minha pele, e agora os espinhos acertavam os dedos deles, e eu tinha paz.

LEONARDO (*para si*): Diante do diabo mesmo, acredito!

MESTRE ANTÔNIO: Meu pai se matou de trabalhar já aos trinta anos, porque não se concedia qualquer sossego nem dia nem noite, minha pobre mãe me alimentou com aranhas do jeito que dava, eu cresci sem aprender qualquer coisa. Quando fiquei mais velho, sem ainda poder ganhar qualquer dinheiro, queria ao menos ter me desacostumado da comida, mas quando no almoço por vezes me fingia de doente e deixava de lado o prato de comida, o que isso podia significar? À noite o estômago me forçava a me declarar saudável novamente. Meu maior tormento foi ficar tão desajeitado. Podia brigar comigo mesmo por causa disso, como se fosse minha culpa, como se tivesse sido provido somente com dentes comilões no útero e tivesse deixado, de propósito, todas as características úteis e habilidades lá dentro. Eu podia ficar vermelho quando o sol me aquecia. Logo após a minha confirmação, veio nos visitar o homem que enterraram ontem, o mestre Gebhard. Ele franziu o cenho e fez carretas, como sempre fazia, quando tinha uma intenção boa. Então disse a minha mãe: “Você colocou seu filho no mundo para que ele lhe comesse nariz e orelhas da cabeça?” Eu me envergonhei e rapidamente pus de volta no armário o pão do qual queria justamente cortar uma fatia. Minha mãe ficou aborrecida com essa palavra bem intencionada, ela parou sua roda e retorquiu energicamente que seu filho era bom e obediente. “Bom, isso é o que queremos ver”, disse o mestre, “se ele tiver vontade já pode vir comigo do jeito que está aí, à minha oficina. Não cobro nada pela instrução, ganha comida, também vou cuidar da roupa e se estiver disposto a levantar cedo e ir dormir tarde, não lhe faltará oportunidade para ocasionalmente ganhar uma boa gorjeta para sua velha mãe”. Minha mãe começou a chorar, eu a dançar; quando finalmente pudemos falar, o mestre tampou os ouvidos, saiu e me acenou. Não precisei colocar o chapéu, pois não tinha um. Sem mesmo dar adeus à mãe, eu o segui e, quando no domingo seguinte tive permissão para visitá-la por uma hora, ele me deu meio presunto para que levasse para ela. A bênção de Deus no túmulo desse bom homem! Ainda ouço sua voz entremeada de raiva: “Tonho, debaixo do casaco com isso, para minha mulher não ver!”.

LEONARDO: Você também consegue chorar?

MESTRE ANTÔNIO (*enxuga as lágrimas*): Sim, não posso pensar nisso, toda vez surge uma rachadura, mesmo o poço de lágrimas estando bem tampado. Bom, não tem problema; se um dia sofrer de hidropsia, pelo menos essas gotas não precisam ser retiradas. *Com uma mudança repentina*. O que acha? Se num domingo à tarde você quisesse visitar o homem a quem deve tudo para fumar um cachimbo e o encontrasse confuso e transtornado, uma faca na mão, a

mesma faca que por mil vezes lhe cortou o pão para o lanche da tarde, sangrando no pescoço e puxando cheio de medo a toalha até o queixo - -

LEONARDO: Foi assim que o velho Gebhard encontrou seu fim!

MESTRE ANTÔNIO: Por causa das cicatrizes. E você ainda chegasse a tempo, pudesse salvar e ajudar, mas não somente tirando a faca da mão dele e colocando um curativo no ferimento, teria que dar os esfarrapados mil tálares que você economizou e isso teria que acontecer em completo silêncio, para fazer com que esse homem doente os aceitasse, o que você faria?

LEONARDO: Sozinho e solteiro como estou, sem mulher nem filho, sacrificaria o dinheiro.

MESTRE ANTÔNIO: E se tivesse dez mulheres como os turcos e tantos filhos como foram prometidos a Abraão e tivesse somente um piscar de olhos para refletir, você estaria – bom, você vai ser meu genro! Agora sabe onde ficou o dinheiro, hoje pude lhe contar isso, pois meu velho mestre está enterrado. Há um mês teria guardado para mim, mesmo no leito da morte. A promissória eu coloquei embaixo da cabeça do morto, antes de pregarem o caixão. Se pudesse escrever, teria posto embaixo: “pago honestamente!”, ignorante como sou não me restou outra coisa a não ser fazer um grande risco no papel. Agora ele vai descansar em paz e espero que eu também quando um dia me estender a seu lado.

SEXTA CENA

MÃE (*entra rapidamente*): Ainda me reconheces?

MESTRE ANTÔNIO (*apontando para o vestido de casamento*): A moldura, certamente, essa se manteve; a imagem não muito bem. Parece que muita teia de aranha se assentou nela, bom, houve tempo suficiente para isso!

MÃE: Não tenho um marido sincero? Sim, não preciso elogiá-lo especialmente, sinceridade é a virtude dos maridos.

MESTRE ANTÔNIO: Te dá pena que eras mais dourada aos vinte anos do que aos cinquenta?

MÃE: Certamente que não! Se fosse diferente, eu teria que sentir vergonha por ti e por mim!

MESTRE ANTÔNIO: Então me dá um beijo? Fiz a barba e melhor do que geralmente!

MÃE: Eu digo sim, só para comprovar se ainda conheces essa arte. Há muito que já não tens mais essa ideia!

MESTRE ANTÔNIO: Boa dona de casa! Não quero pedir que me feches os olhos, é um trabalho difícil, quero assumir isso para ti, quero lhe prestar o último ofício do amor, mas

preciso de tempo, ouves, para que me fortaleça e prepare e não passe na prova como amador. Ainda era cedo demais!

MÃE: Graças a Deus, ainda ficaremos juntos por algum tempo.

MESTRE ANTÔNIO: Também tenho esperança, voltaste a ter a face bem corada!

MÃE: Que pessoa simpática, nosso novo coveiro. Estava fazendo uma cova, quando passava pelo pátio da igreja hoje de manhã. Eu perguntei pra ele para quem seria. “Para aquele que Deus quiser”, disse, “talvez para mim mesmo. Pode acontecer comigo o que aconteceu com meu avô, que também cavou uma de reserva e de noite, quando voltava do bar, caiu lá dentro e quebrou o pescoço”.

LEONARDO (*que até esse momento estava lendo um jornal*): O cara não é daqui, ele pode inventar o que quiser!”

MÃE: Eu lhe perguntei: “Por que não espera até que as pessoas encomendam as covas?” – “Hoje estou convidado para um casamento”, disse, “e sou profeta suficiente para saber que amanhã ainda sentirei minha cabeça. Mas certamente alguém me ofendeu e morreu. Aí teria que sair cedo amanhã e não poderia dormir à vontade”.

MESTRE ANTÔNIO: Palhaço, teria dito, e se a cova não for grande o suficiente?

MÃE: Também o disse, mas sacudiu as repostas afiadas da manga como o diabo os piolhos. “Tirei a medida com o tecelão Veit”, disse, “esse é uma cabeça mais alto que todos nós, como o rei Saulo. Agora que venha quem quiser, não encontrará sua casa muito pequena, e se for muito grande, não fará mal a ninguém a não ser a mim, pois como homem honesto não permito que me paguem um centímetro a mais que o comprimento do caixão”. Eu joguei minhas flores para dentro e disse: “Agora está ocupado!”

MESTRE ANTÔNIO: Eu acho que só estava brincando e isso já é pecado suficiente. Fazer covas adiantado significa colocar de modo impertinente a armadilha da morte. O patife que fizesse isso deveria ser tocado do trabalho. *Para Leonardo, que está lendo*. Algum filantropo procura uma pobre viúva que pode fazer uso de algumas centenas de tálares? Ou o contrário, a pobre viúva o filantropo que os quer dar?

LEONARDO: A polícia está divulgando um roubo de joias. Maravilhoso suficiente. Percebe-se que apesar dos tempos difíceis ainda vivem pessoas entre nós que possuem joias.

MESTRE ANTÔNIO: Um roubo de joias? Onde?

LEONARDO: Na loja do comerciante Wolfram!

MESTRE ANTÔNIO: Na – impossível! Há alguns dias, meu filho Carlos poliu uma secretária lá.

LEONARDO: Desapareceu da secretária, exato!

MÃE (*para Mestre Antônio*): Que Deus te perdoe essas palavras!

MESTRE ANTÔNIO: Tu tens razão, foi um pensamento indigno!

MÃE: Com teu filho, isso tenho que te dizer, tu és só um meio pai.

MESTRE ANTÔNIO: Mulher, não vamos falar disso hoje!

MÃE: Ele não é como tu, só por isso ele tem que ser mau?

MESTRE ANTÔNIO: Onde ele está agora? O sino do meio-dia já tocou há muito tempo, aposto que lá fora a comida já passou do ponto no fogo, porque Clara recebeu a ordem confidencial de não por a mesa, antes dele chegar.

MÃE: Onde poderia estar? No máximo deve estar jogando boliche e para isso precisa procurar o lugar mais distante para que tu não o encontres. Então o caminho de volta naturalmente é longo. Não sei o que tens contra esse jogo inocente.

MESTRE ANTÔNIO: Contra o jogo? Absolutamente nada! Senhores distintos precisam de um passatempo. Sem o rei das cartas o verdadeiro rei certamente estaria enfastiado com frequência, e se o boliche não teria sido inventado, quem sabe, os príncipes e os barões não estariam jogando boliche com nossas cabeças! Mas um artesão não pode cometer um sacrilégio pior do que gastar no jogo a paga arduamente ganha. As pessoas precisam honrar e valorizar aquilo que ganham com muito esforço e com o suor do seu rosto, se não quiserem considerar desprezíveis todos seus afãs e afazeres. Como todos os meus nervos poderiam se empenhar pelo táler que quero jogar fora.

Fora, ouve-se a campainha da porta.

MÃE: Aí está.

SÉTIMA CENA

Meirinho Adão e mais um meirinho entram.

ADÃO (*para mestre Antônio*): Agora vá e pague sua aposta! Pessoas com sobrecasacas vermelhas e detalhes azuis (*diz isso com ênfase*) nunca vão lhe entrar em sua casa? Aqui estamos nós dois! (*Para o segundo meirinho*). Por que não mantém seu chapéu na cabeça como eu? Quem vai fazer cerimônia, quando está entre seus pares?

MESTRE ANTÔNIO: Entre teus pares, patife?

ADÃO: Você tem razão, não estamos entre nossos pares, malandros e ladrões não são nossos pares! (*Ele aponta para a cômoda*) Destrancar! E depois três passos para trás! Para você não sumir com algo!

MESTRE ANTÔNIO: O que? O que?

CLARA (*entra com objetos da mesa*): Devo – *ela emudece*.

ADÃO (*mostra um papel*): Você sabe ler letra escrita?

MESTRE ANTÔNIO: Devo eu saber o que nem meu professor sabia?

ADÃO: Então ouça! Seu filho roubou joias. O ladrão já pegamos. Agora queremos fazer uma busca na casa.

MÃE: Jesus! (*Desmaia e morre*).

CLARA: Mãe! Mãe! Que olhos que está fazendo!

LEONARDO: Vou buscar um médico!

MESTRE ANTÔNIO: Não é necessário! Essa é última face. Já vi mil vezes. Boa noite, Teresa! Tu morreste quando tu o ouviste! Que isso esteja escrito em tua lápide!

LEONARDO: Talvez seja - - *saindo*. Horrível! Mas bom para mim! *Sai*.

MESTRE ANTÔNIO (*tira um molho de chaves e o atira ao chão*): Aí! Abram! Caixa por caixa! Tragam um machado! A chave para a mala está perdida! Aí, malandros e ladrões! *Ele revira os bolsos*. Aqui não encontro nada!

SEGUNDO MEIRINHO: Mestre Antônio, controle-se! Todos sabem que você é o homem mais honesto na cidade.

MESTRE ANTÔNIO: Mesmo? Mesmo? *Ri*. Sim, eu consumi a honestidade toda na família! O pobre rapaz! Não sobrou nada para ele! Essa aí – *ele aponta para a morta* – também era virtuosa demais! Quem sabe se a filha não – *de repente para Clara* – O que achas, minha criança inocente?

CLARA: Pai!

SEGUNTO MEIRINHO (*para Adão*): Você não tem compaixão?

ADÃO: Sem compaixão? Estou revirando os bolsos do velho homem? Estou forçando-o a tirar as meias e virar as botas? Com isso queria começar, pois eu o odeio como me é possível odiar depois da história do copo no bar – Você conhece a história e você também deveria se sentir ofendido se tivesse honra no corpo. *Para Clara*. Onde fica o quarto do irmão?

CLARA (*mostra*): Atrás!

Saem os dois meirinhos.

CLARA: Pai, ele é inocente! Ele tem que ser inocente! Ele é teu filho, ele é meu irmão!

MESTRE ANTÔNIO: Inocente, e um matricida? *Ri*.

UMA CRIADA (*entra com uma carta, dirigindo-se para Clara*): Do senhor cobrador Leonardo. *Sai*.

MESTRE ANTÔNIO: Tu não precisas lê-la! Ele está se separando de ti! *Bate nas mãos.*

Bravo, vigarista!

CLARA (*leu*): Sim! Sim! Oh meu Deus!

MESTRE ANTÔNIO: Deixe-o!

CLARA: Pai, pai, eu não posso!

MESTRE ANTÔNIO: Não podes? Não podes? O que é isso? Tu estás –

Os dois meirinhos voltam.

ADÃO (*malicioso*): Procurai e achareis!

SEGUNDO MEIRINHO (*para Adão*): Que ideia é essa? Isso aconteceu hoje?

ADÃO: Você cala a boca!

Saem os dois.

MESTRE ANTÔNIO: Ele é inocente, e tu – tu –

CLARA: Pai, você é terrível!

MESTRE ANTÔNIO (*pega-a pela mão, bem delicadamente*): Querida filha, o Carlos só é um amador, ele matou a mãe, mas o que isso significa? O pai ficou vivo! Vem ajudá-lo, não podes pedir que ele faça tudo sozinho, me dá o resto, o velho tronco ainda parece forte, não é, mas já está balançando, não te custará muito esforço derrubá-lo! Não precisas do machado, tu tens um lindo rosto, nunca te elogiei, mas hoje quero dizer isso, para que tenhas coragem e confiança, olhos, nariz e boca certamente recebem aplausos, vai – tu me entendes bem ou diz, tenho a impressão que já estás!

CLARA (*quase louca, com braços levantados cai aos pés da morta e chama como uma criança*): Mãe, mãe!

MESTRE ANTÔNIO: Pega a mão da morta e jura que tu és o que deves ser!

CLARA: Eu – juro – a ti – que – não – quero – nunca – trazer – vergonha – sobre ti!

MESTRE ANTÔNIO: Bom! *Coloca o chapéu.* O tempo está bonito! Vamos nos expor ao falatório, rua acima, rua abaixo! *Sai.*

SEGUNDO ATO

Quarto na casa do mestre carpinteiro

PRIMEIRA CENA

Mestre Antônio levanta da mesa. Clara quer tirar a mesa.

MESTRE ANTÔNIO: Não queres comer de novo?

CLARA: Pai, estou satisfeita.

MESTRE ANTÔNIO: Com nada?

CLARA: Eu já comi na cozinha.

MESTRE ANTÔNIO: Quem não tem apetite, não tem a consciência tranquila! Bom, para tudo se dá um jeito! Ou havia veneno na sopa, como sonhei ontem? Durante a colheita, se misturaram sem querer algumas cicutas nas ervas? Então o fizeste bem!

CLARA: Deus todo poderoso!

MESTRE ANTÔNIO: Perdoa-me, eu – vai pro Diabo com essa tua cara lívida de sofredora que tu roubaste à mãe do Salvador! Corado é preciso estar quando se é jovem! Só um pode se mostrar com um rosto desses, mas ele não o faz! Uma bofetada para aquele que ainda disser aí quando cortar o dedo! Ninguém tem mais o direito para isso, pois aqui está um homem que – elogio a si mesmo fede, mas o que fiz quando o vizinho quis pregar a tampa do caixão da tua mãe?

CLARA: Você lhe tirou o martelo e o fez você mesmo e disse: “Essa é minha obra-prima!” O maestro, que na frente da porta estava terminando de cantar a canção da morte com os meninos do coro, achou que você tinha ficado louco!

MESTRE ANTÔNIO: Louco! *Ri.* Louco! Sim, sim, é uma cabeça inteligente aquele que se decapita sozinho quando chegou o tempo. A minha deve estar firme demais para isso, do contrário – A gente está acororado no mundo e acredita estar sentado num bom abrigo, atrás da lareira, e de repente alguém coloca luz sobre a mesa, e veja só, a gente está num antro de ladrões; e agora a coisas vão pá, ti, bum de todos os lados, mas não faz mal, por sorte a gente tem um coração de pedra!

CLARA: Sim, pai, assim é!

MESTRE ANTÔNIO: O que tu sabes disso? Tu achas que tens o direito de se juntar a minhas maldições porque teu escrivão fugiu? Outro te levará para passear no domingo à tarde, outro te dirá que tua face é corada e teus olhos, azuis, outro te escolherá como mulher se tu o mereceres. Mas se por trinta anos tu suportaste o fardo da vida com disciplina e honra, se tu nunca reclamaste, ao invés disso aguentaste, com paciência, sofrimento e morte e toda adversidade, e aí vem teu filho que deveria te preparar um travesseiro macio para a velhice e

te enche de tal modo de vergonha, que tu queres pedir à terra: Abre um buraco se não tiveres nojo, pois estou mais sujo que tu! – então poderás exprimir todas as maldições que seguro em meu peito, então poderás arrancar teu cabelo e estraçalhar teus seios, essa vantagem tu terás sobre mim, pois tu não és homem!

CLARA: Oh Carlos!

MESTRE ANTÔNIO: Vai ser de admirar o que vou fazer quando o vir novamente na minha frente, quando chegar à noite antes do acender das luzes, com a cabeça raspada, pois na prisão não se permitem penteados, quando entrar na sala e balbuciar uma boa noite e ficar com a maçaneta da porta na mão. Algo farei, isso é certo, mas o quê? *Com ranger dos dentes.* Mesmo que fiquem dez anos com ele, ele vai me encontrar, ficarei vivo por esse tempo, isso eu sei, escuta, morte, a partir de agora sou uma pedra para tua gadanha, antes ela quebrará do que me tirar do meu lugar!

CLARA (*pega sua mão*): Pai, você deveria se deitar uma meia hora!

MESTRE ANTÔNIO: Para sonhar que tu estás de resguardo? Para então levantar assustado e te agarrar e depois pensar melhor e dizer: querida filha, não sabia o que estava fazendo! Eu agradeço. Meu sono despediu o malabarista e contratou um profeta que me mostra coisas feias com seu dedo ensanguentado, e eu não sei o que está acontecendo, agora tudo me parece possível. Ah, estremeço diante do futuro, como diante de um copo de água – está certo, senhor mestre? Ele me soletrou isso mais do que o suficiente! – visto pelo microscópio. Eu fiz isso uma vez em Nuremberg, numa feira, e não queria mais beber nada o dia todo! Noite passada vi o querido Carlos com um pistola na mão; quando vi o atirador mais de perto, ele apertou, ouvi um grito, mas por causa da fumaça da pólvora não conseguir ver nada, mesmo quando a fumaça se desfez não vi um crânio estraçalhado, mas nesse meio tempo meu filho se tornou um homem rico, estava em pé, contando moedas de ouro de uma mão para a outra, e tinha um rosto – ao diabo, não é possível estar mais tranquilo, tendo trabalhado o dia todo e estar trancando agora a oficina atrás de si. Bom, diante disso poderia se ter cuidado! Seria possível julgar e depois se apresentar a si mesmo diante do juiz supremo.

CLARA: Acalme-se!

MESTRE ANTÔNIO: Fique bem novamente! Por que você está doente? Sim, médico, só me alcance a poção da saúde! Teu irmão é o pior filho, sê tu a melhor filha! Como um falido indigno me encontro diante do mundo, eu devia ao mundo um homem honesto que pudesse assumir o lugar deste inválido, eu o enganei com um vigarista. Sê uma mulher como o foi tua mãe, então se dirá: Não foi a culpa dos pais que o garoto foi para o mau caminho, pois a filha

anda pelo caminho do bem e está à frente de todos. *Com frieza terrível*. E eu quero fazer minha parte, quero tornar a situação mais fácil para ti do que para os outros. No momento em que perceber que as pessoas apontam o dedo para ti, vou fazer – *com um movimento em direção à garganta* – a barba e então, isso te juro, vou barbear todo a cara em pedacinhos, tu poderás dizer que foi de susto, porque na rua um cavalo saiu um disparada ou porque um gato derrubou uma cadeira no sótão ou porque um rato subiu nas minhas pernas. Quem me conhece, obviamente vai balançar a cabeça com isso, pois eu não sou muito assustadigo, mas qual a diferença? Eu não consigo aguentar viver num mundo em que as pessoas teriam que ser compassivas, se não cuspissem na minha frente.

CLARA: Deus misericordioso, o que devo fazer?

MESTRE ANTÔNIO: Nada, nada, querida filha, sou duro demais contigo, eu bem sinto isso, nada, sê como tu és, e tudo está bem! Ah, eu sofri uma injustiça tão grande, que tenho que cometer uma injustiça para não ficar por baixo quando isso me ataca. Olha, há pouco passo pela rua, nisso vem o cara da varíola, o ladrão que há alguns anos mandei colocar na cadeia, porque pela terceira vez roubou algo na minha casa. Antigamente, o bandido não se atrevia a olhar para mim, agora se dirigiu descaradamente a mim e meu deu a mão. Queria dar um soco nele, mas pensei melhor e nem sequer cuspi, afinal somos primos há oito dias e é pertinente que parentes se cumprimentem. O pastor, esse homem compassivo, que me visitou ontem, achou que o homem não representaria ninguém a não ser a si mesmo, e que seria soberba não cristã da minha parte querer assumir a responsabilidade no lugar do meu filho; de outro modo, Adão teria que colocar isso na cabeça da mesma maneira como eu. Senhor, acredito com prazer que a paz dos patriarcas no paraíso não é perturbada quando um de seus tataranetos começa a matar ou roubar, mas também não arrancou seus cabelos por causa de Caim? Não, não, é demais! Às vezes tenho vontade de olhar para minha sombra para ver se não ficou mais negra! Pois tudo, tudo, eu consigo suportar e provei isso, mas não a vergonha! Coloquem nos meus ombros o que quiserem, só não cortem o nervo que me segura!

CLARA: Pai, ainda o Carlos não confessou nada, e tampouco encontraram algo com ele.

MESTRE ANTÔNIO: Qual a diferença? Eu fui andar pela cidade e me informar sobre as dívidas dele nas tabernas, nisso se juntou mais do que ele teria ganhado comigo no próximo quadrimestre, mesmo sendo três vezes mais assíduo do que ele é. Agora eu sei por que ele sempre parava de trabalhar duas horas mais tarde do que eu e por que além disso ainda levantava antes de mim, mas se deu conta de que isso tudo não ajudava nada ou lhe era muito cansativo e lhe demorava demais, então aproveitou a oportunidade quando esta apareceu.

CLARA: Você sempre pensa o pior do Carlos, você sempre foi assim! Ainda lembra quando

–

MESTRE ANTÔNIO: Tu falas como tua mãe falaria, eu vou te responder como costumava responder a ela, eu vou me calar!

CLARA: Se Carlos for inocentado? Se as joias forem encontradas novamente?

MESTRE ANTÔNIO: Então contrataria um advogado e investiria minha última camisa para descobrir se o prefeito jogou com direito ou não o filho de um homem honesto na prisão. Se fosse assim, eu me curvaria, pois o que pode acontecer a qualquer um também eu tenho que aceitar, mesmo tendo que pagar, para meu azar, mil vezes mais caro do que outros, foi um destino e se Deus me açoitara, cruzo as mãos e digo: Senhor, tu sabes por quê! Se não fosse o caso, o homem com a corrente de ouro no pescoço teria se precipitado, porque não pensou em outra coisa a não ser que o comerciante que perdeu as joias é seu cunhado, assim ficaria claro se a lei tem uma lacuna e se o rei, que bem sabe que deve pagar a fidelidade e a obediência de seus súditos com justiça e que certamente quer ficar devendo o menos possível ao mais humilde dentre eles, vai deixar essa lacuna como está. Mas essas falas são inúteis! O rapaz vai sair tão pouco limpo desse processo como tua mãe viva de seu túmulo. Desse agora e jamais virá consolo, por isso não esqueça o que me deves, mantém tu a tua jura, para que não tenha que manter a minha! *Ele vai, mas volta*. Hoje à noite chegarei tarde, vou passar na casa do velho comerciante de lenha, nas montanhas. É o único homem que ainda continua me olhando nos olhos como antes, porque ainda não sabe da minha vergonha. É surdo, ninguém pode lhe contar algo sem ficar rouco de tanto gritar e mesmo assim entende tudo errado, por isso não descobre nada. *Sai*.

SEGUNDA CENA

CLARA (*sozinha*): Oh Deus, oh Deus! Tem piedade! Tem piedade do velho homem! Leva-me a ti! Não é possível ajudá-lo de outro modo! Vê, o brilho do sol está tão dourado sobre a rua, que as crianças tentam pegá-lo com a mão, os pássaros estão voando de um lado para o outro, flores e ervas não cansam de crescer. Tudo vive, tudo quer viver, milhares de doentes estremecem nesta hora ao teu pensamento, oh morte, quem ainda te chamava na noite angustiante, porque não aguentava mais as suas dores, este agora volta a encontrar seu leito suave e macio, eu clamo a ti: Poupa aquele cuja alma se encolhe o mais profundamente para longe de ti, estende seu prazo até que o belo mundo volte a ser cinza e vazio, leva-me no lugar

dele! Eu não quero mais estremecer quando me estendes tua mão fria, quero pegá-la com coragem e te seguir com mais alegria do que qualquer outro humano jamais te seguiu.

TERCEIRA CENA

O COMERCIANTE WOLFRAM (*entra*): Bom dia, donzela Clara, seu pai está em casa?

CLARA: Acabou de sair.

WOLFRAM: Eu venho - - minhas joias foram encontradas.

CLARA: Oh pai, estivesses aí! Ele esqueceu seus óculos, ali estão! Tomara que perceba e volte! Como ? – Onde? – Na casa de quem?

WOLFRAM: Minha mulher – Diga bem honestamente, donzela, não ouviu coisas surpreendentes sobre minha mulher?

Clara: Sim!

WOLFRAM: Que ela (*apontando para a cabeça*). Não é?

Clara: Que ela não é bem da cabeça, claro!

WOLFRAM (*irrompendo*): Meu Deus! Meu Deus! Tudo em vão! Nenhum mensageiro que permiti entrar na minha casa deixei ir embora novamente, a cada um dei salário dobrado e fechei os olhos para todas as negligências, a fim de comprar o silêncio deles, ainda assim – criaturas falsas, ingratas! Oh, meus pobres filhos! Só por causa de vocês eu tentei esconder isso!

CLARA: Não repreenda seu pessoal! Eles certamente são inocentes! Desde que a casa vizinha pegou fogo e sua mulher, olhando pela janela, dava risadas e batia palmas, sim, até mesmo soprava no fogo com as bochechas cheias como se quisesse aumentar o fogo, desde então só se tinha a opção de considerá-la um diabo ou uma louca. E isso centenas de pessoas viram.

WOLFRAM: É verdade. Agora que a cidade toda conhece meu infortúnio, seria tolo se quisesse lhes exigir a promessa do silêncio. Ouça então! O roubo, pelo qual seu irmão está na prisão, foi cometido pela loucura!

CLARA: Sua própria mulher –

WOLFRAM: Que ela, que antigamente era a alma mais nobre, mas compassiva do mundo, se transformou em alguém perverso e que se alegra com o mal dos outros, que se regozija e jubila quando algum acidente acontece na sua frente, quando a criada quebra um copo ou corta o dedo, eu já sabia há muito tempo; mas que ela também desaparece com coisas da casa, esconde dinheiro, rasga papéis, descobri tarde demais, somente hoje ao meio-dia. Estava

deitado na cama, quase adormecendo, aí percebi que ela se aproximava silenciosamente de mim, examinando-me com atenção para ver se já dormia. Fechei os olhos com mais força, aí ela tirou a chave do meu colete que estava perdurado sobre a cadeira, abriu a secretária, pegou um rolo de dinheiro, trancou novamente e levou a chave de volta. Eu estava horrorizado, mas me controlei para não incomodá-la, ela deixou o quarto e eu me esgueirei atrás dela. Ela foi para o sótão e jogou o rolo de dinheiro numa caixa velha que ainda estava vazia dos tempos do avô, então olhou timidamente para todos os lados e saiu apressadamente, sem me perceber. Acendi uma vela e revirei a caixa, lá encontrei a boneca da minha filha mais nova, um par de pantufas da criada, um livro comercial, cartas e infelizmente, ou graças a Deus, como devo dizer, bem embaixo também as joias!

CLARA: Oh, minha pobre mãe! É mesmo vergonhoso demais!

WOLFRAM: Deus sabe, eu daria todas as joias se pudesse desfazer o que aconteceu! Mas a culpa não é minha! Que minha suspeita, apesar de todo respeito pelo seu pai, tenha recaído sobre seu irmão, foi natural, ele poliu a secretária e com ele desapareceram as joias; eu percebi quase no mesmo momento, pois tive que retirar papéis do compartimento em que estavam. Mas não pretendia tomar medidas rígidas imediatamente contra ele, provisoriamente só comuniquei o acontecido ao meirinho Adão e solicitei que investigasse anonimamente, mas este não queria saber nada de cuidados, ele me explicou que ele deveria e teria que fazer a denúncia prontamente, pois seu irmão seria um cachaceiro e alguém que faz dívidas em todo lugar, e sua reputação junto ao prefeito seria tanta, que ele poderia impor o que quisesse. O homem parece estar aborrecido muito mesmo com seu pai, não sei por quê, não foi possível apaziguá-lo, fechou os ouvidos e gritou quando já saía correndo: “Se você tivesse me dado essas joias de presente, não estaria tão alegre como agora!”

CLARA: Certa vez numa taberna, o meirinho colocou o copo dele ao lado do copo do meu pai sobre a mesa e acenou como se quisesse pedir a meu pai que brindasse com ele. Nisso meu pai tirou seu copo e disse: “Pessoas com sobrecasaca vermelha e detalhes azuis antigamente tinham que tomar de copos com pezinhos de madeira, também tinham que ficar fora, na frente da janela ou, quando chovia, na frente da porta tirar o chapéu modestamente quando o dono lhe servia a bebida; mas se tinham vontade de brindar com alguém, esperavam até que aparecia o compadre ajuntador de cadáveres.” Deus! Deus! O que não pode acontecer no mundo! Isso minha mãe teve que pagar com uma morte repentina!

WOLFRAM: Não se deve provocar a ninguém, e os terríveis menos ainda! Onde está seu pai?

CLARA: Nas montanhas, com o comerciante de lenha.

WOLFRAM: Vou cavalgando até lá e procurá-lo. No prefeito já estive, infelizmente não o encontrei em casa, do contrário seu irmão já estaria aqui, mas o secretário enviou imediatamente um mensageiro, você ainda o verá antes do anoitecer. *Sai.*

QUARTA CENA

CLARA (*sozinha*): Agora deveria me alegrar! Deus, Deus! E não consigo pensar em outra coisa que: Agora tu o és *sozinha*! E apesar disso tenho o pressentimento de que logo deverei ter uma ideia para resolver tudo isso!

QUINTA CENA

O SECRETÁRIO (*entra*): Bom dia!

CLARA (*se segura numa cadeira, como se estivesse desmaiando*): Esse! Oh, se esse não tivesse voltado –

SECRETÁRIO: O pai não está em casa?

CLARA: Não!

SECRETÁRIO: Trago uma notícia alegre. Seu irmão – Não, Clara, nesse tom não posso falar contigo, me parece que mesas, cadeiras, armários, todos esses velhos conhecidos – Bom dia a ti! *Ele acena para um armário.* Como vai? Tu não mudaste! – em volta dos quais a gente ficou pulando quando crianças, vão juntar as cabeças e zombar do palhaço, caso não escolher outro. Tenho que lhe dizer como antigamente, se não te agrada, assim pense: O menino grande está sonhando, vou acordá-lo e ficar na sua frente e me – *com gestos* – levantar para que ele veja que já não tem mais uma criancinha na sua frente – essa foi tua altura no décimo primeiro ano – *ele indica um traço na porta* – mas sim uma moça bem crescida que consegue alcançar o açúcar, mesmo este tendo sido colocado em cima do armário. Tu ainda te lembras, não? Esse era o lugar, o castelo forte, onde estava seguro de nós, mesmo não estando trancado. A gente matava o tempo, quando ele estava aí, matando moscas, que voavam alegremente de um lado para o outro, porque não conseguíamos suportar que fizessem o que nós mesmos não sabíamos como conseguir.

CLARA: Eu pensei que as pessoas esquecessem esse tipo de coisa, depois de ter que estudar centenas e milhares de livros.

SECRETÁRIO: Se esquece, sim! Claro, o que não se esquece sobre Justiniano e Caius ! Os meninos que se defendem tão obstinadamente contra o abc devem saber por quê; têm uma

vaga ideia de que se não derem trela à cartilha, nunca poderão ter problemas com a Bíblia! Mas vergonhosamente o suficiente, seduz-se as almas inocentes, mostra-se a elas o galo vermelho com o cesto cheio de ovos atrás, aí eles dizem por si: Ah! E agora não tem mais como frear, descem a montanha até o z como uma avalanche, mais e mais, até que de repente estão no meio do corpus juris, dando-se conta com horror a que selva as malditas vinte e quatro letras, que no começo, numa dança divertida, juntaram em palavras saborosas e cheirosas, como cereja e rosa, as atraíram!

CLARA: E como se faz então? (*distraída, sem interesse*).

SECRETÁRIO: Nisso os temperamentos são diversos. Alguns se dedicam. Esses geralmente voltam à luz do dia depois de três ou quatro anos, mas então estão meio magros e pálidos, a gente não pode ficar chateado com eles por causa disso. A eles eu pertenço. Outros deitam no meio da floresta, só querem descansar, mas raramente voltam a levantar. Eu mesmo tenho um conhecido que bebe sua cerveja há três anos na sombra da Lex Julia, ele escolheu o lugar por causa do nome, ele desperta lembranças agradáveis. Há outros que ficam desesperados e voltam. Esses são os mais tolos, pois eles são liberados de um matagal sob a condição de que se dirijam diretamente a outro. E há alguns que são ainda piores, que não têm fim! (*para si*). Quanta besteira a gente fala quando se tem algo no coração e não sabe como dizer!

CLARA: Tudo está divertido e alegre, é o dia bonito que faz isso!

SECRETÁRIO: Sim, com esse tempo as corujas caem do ninho, os morcegos se suicidam, porque sentem que o diabo os criou, a toupeira cava tão fundo na terra, que não encontra mais o caminho de volta, tendo que sufocar miseravelmente, se não continuar cavando até o outro lado e aparecer na América. Hoje toda espiga cresce em dobro e toda papoula fica ainda mais vermelha que em outros momentos, mesmo que seja só por vergonha de não o ser ainda. O ser humano deve ficar atrás? Deve roubar do bom Deus os únicos juro que seu mundo lhe rende, uma face feliz e um olho claro que reflete toda a esplendidez e a projeta de volta idealizada? Realmente, quando de manhã vejo esse ou aquele taciturno sair de sua porta de mansinho, com a testa franzida olhando para o céu com olhos arregalados como se fosse um mata-borrão, então penso: Logo cairá chuva, Deus tem que, ele não tem outro jeito, abaixar a cortina de nuvens para não ficar chateado com essa careta. Deveria ser possível levar esses caras ao tribunal por serem estraga prazeres de festas, arruinadores de tempo de colheita. Como tu queres agradecer pela vida, se não for vivendo? Jubila, pássaro, do contrário não mereces a garganta!

CLARA: Ah, isso é verdade, verdade de tal modo – eu já poderia começar a chorar!

SECRETÁRIO: Não foi dito contra ti; que estejas há oito dias respirando mais profundamente que em outros tempos, entendo perfeitamente, conheço teu velho. Mas, graças a Deus, posso tirar o peso do teu peito, justamente por isso estou aqui. Tu verás teu irmão ainda esta noite, e não a ele, mas às pessoas que o jogaram na prisão se apontará o dedo. Isso merece um beijo, de irmã, se não puder ser outro? Ou vamos brincar de cabra-cega para isso? Se não te pegar em dez minutos, saio de mãos vazias e ainda levo um tapa por cima.

CLARA (*para si*): Tenho a sensação de ter ficado mil anos mais velha de repente e de que o tempo estagnou em minha volta, não posso avançar nem recuar. Oh, esse brilho do sol pregado fixamente e toda essa alegria em volta de mim!

SECRETÁRIO: Tu não me respondes. Claro, esqueci, tu és noiva! Ah, moça por que tu fizeste isso comigo! E ainda assim – tenho o direito de me queixar? Ela é como tudo de amável e bom, tudo de amável e bom deveria ter me lembrado dela, ainda assim por anos era como se ele não estivesse mais no mundo. Para isso ela – se ao menos fosse um cara, diante do qual a gente deveria baixar o olhar! Mas esse Leonardo-

CLARA (*de repente, ao ouvir o nome dele*): Tenho que ir a ele – É isso, não sou mais a irmã de um ladrão – oh Deus, o que ainda quero? Leonardo deve saber e saberá – Ele só não precisa ser um diabo e tudo será como antes! (*Estremecendo*) Como antes! (*Para o secretário*). Não fique chateado, Friedrich! – Por que as pernas me ficaram tão pesadas de repente?

SECRETÁRIO: Tu queres –

CLARA: Ver o Leonardo, o que mais? Só esse único caminho ainda tenho a percorrer neste mundo!

SECRETÁRIO: Tu o amas pois? Então –

CLARA (*desatinada*): Amar? Ele ou a morte! Alguém se espanta que escolha a ele? Não o faria, se pensasse só em mim!

SECRETÁRIO: Ele ou a morte? Moça, assim quem fala é o desespero, ou –

CLARA: Não me deixe louca! Não diga mais essa palavra! A ti! A ti eu amo! Pronto! Pronto! Eu to digo como se já caminhasse no além do túmulo, onde ninguém fica mais corado, onde todos se esgueiram nus e com frio, um ao lado do outro, porque a proximidade horrivelmente santa de Deus arrancou até a raiz em cada um o pensamento nos outros.

SECRETÁRIO: A mim? Ainda a mim? Clara, tive a sensação disso quando te vi lá fora no jardim!

CLARA: Teve? Oh, o outro também! (*embotada, como se estivesse sozinha*). E ele se postou na minha frente! Ele ou eu! Oh, meu coração, meu maldito coração! Para provar a ele, a mim mesma, que não era assim ou para sufocar isso se fosse assim, fiz o que agora me – (*Desatando a chorar*). Deus do céu, eu teria piedade de mim se fosse tu e tu eu!

SECRETÁRIO: Clara, sê minha mulher! Vim a ti para te olhar mais uma vez nos olhos como antigamente. Se não tivesses entendido o olhar, teria me distanciado novamente sem conversar. Agora te ofereço tudo o que sou e o que tenho. É pouco, mas pode vir a ser mais. Teria estado aqui há muito tempo, mas tua mãe estava doente, então ela morreu.

CLARA (*ri alucinada*).

SECRETÁRIO: Tem coragem, garota. A pessoa tem tua palavra. Isso te amedronta. E claro isso é amaldiçoado. Como podes –

CLARA: Oh, ainda perguntas o que tudo acontece para deixar uma pobre menina louca. Deboche e desprezo de todos os lados quando tu foste à academia e não deste mais notícias. Essa ainda pensa nele! – Essa acredita que as criancices eram sérias! – Recebe cartas? – E então a mãe! Te até a pessoas do teu nível! Orgulho não faz bem a ninguém! O Leonardo é bem sério, todos se admiram que o desprezes. Além disso, meu próprio coração. Te esqueceu, mostra a ele que também tu – oh, Deus!

SECRETÁRIO: Sou culpado. Eu sinto isso. Bom, o que é difícil nem por isso é impossível. Eu trago tua palavra de volta. Talvez –

CLARA: Oh, minha palavra – lá! (*Joga a carta de Leonardo para ele*).

SECRETÁRIO (*lê*): Eu, como cobrador – teu irmão – ladrão – sinto muito – mas não tem outro jeito, por consideração a meu posto – (*para Clara*). Isso ele escreveu no mesmo dia em que tua mãe faleceu? Ele te presta ao mesmo tempo suas condolências pela morte repentina dela!

CLARA: Eu acredito que sim!

SECRETÁRIO: Que te! Bom Deus, os gatos, as cobras e outros monstros que na criação te resvalaram por entres os dedos despertaram o agrado de Belzebu, ele os imitou, mas os enfeitou melhor do que tu, ele os colocou em pele de pessoas e agora estão a postos juntamente com tuas pessoas e a gente os reconhece somente quando arranham e picam! (*Para Clara*). Mas está tudo bem, está tudo excelente! (*Ele quer abraçá-la*). Vem! Para eternidade! Com este beijo –

CLARA (*caindo junto a ele*): Não, não eternamente, só para que não desmaie, mas sem beijo!

SECRETÁRIO: Garota, tu não o amas, tu tens tua palavra de volta –

CLARA: (*embotada, levantando-se novamente*): Ainda assim tenho que ir a ele, preciso me jogar de joelhos na sua frente e balbuciar: Veja os cabelos brancos de meu pai, fica comigo!

SECRETÁRIO: Infeliz, estou te entendendo?

CLARA: Sim!

SECRETÁRIO: Disso nenhum homem pode fugir! Baixar os olhos na frente do homem a quem se deseja cuspir no rosto? (*Ele aperta Clara loucamente contra seu peito*). Pobre! Pobre!

CLARA: Agora vai, vai!

SECRETÁRIO (*para si, cismando*): Ou a gente deveria tirar do mundo a tiros o cachorro que sabe disso! Que tivesse coragem! Que se apresentasse! Que se pudesse forçá-lo! Eu não teria medo do encontro.

CLARA: Suplico-te!

SECRETÁRIO (*indo embora*): Quando escurecer! (*Ele volta e pega a mão de Clara*). Moça, tu estás na minha frente - - (*Ele se afasta*). Milhares do seu sexo teriam calado esperta e astuciosamente e teriam dito isso ao homem com palavras adadoras ao ouvido e à alma, numa hora doce de esquecimento! Eu sinto o que estou te devendo! *Sai*.

SEXTA CENA

CLARA (*sozinha*): Fechado, fechado, meu coração! Preme-te em ti mesmo para que não possa sair uma gota mais de sangue que queira novamente reavivar nas veias a vida que arrefece. Surgiu novamente algo como que uma esperança em ti! Só agora percebo! Pensei – (*sorrindo*). Não, disse nenhum homem pode fugir! E se – Tu mesma poderias ignorar? Terias a coragem de pegar uma mão que – não, não, essa má coragem tu não terias! Tu terias que te trancar a ti mesma no teu inferno, se alguém quisesse abrir os portões de fora – Tu és para a eternidade – oh, que isso cessasse, que isso não ficasse martelando sem fim, que por vezes houvesse um parar! Só por isso dura tanto! O martirizado acredita descansar, porque o algoz precisa se deter para respirar; é uma busca de ar sobre as ondas como uma pessoa que está se afogando, quando o redemoinho que a puxa para dentro volta a cuspi-la para o alto para logo depois voltar a pegá-la, ela não tem nada a não ser a agonia dupla!

Bom, Clara? Sim, pai, vou, vou! Tua filha não te impelirá ao suicídio! Em breve serei a mulher da pessoa, ou – Deus, não! Não suplico por uma felicidade, suplico por minha miséria, por minha miséria mais profunda – minha miséria me darás! Embora – onde está a carta? (*Ela*

a pega). Três poços encontrarás no caminho a ele – Que não pares na frente de nenhum deles! Ainda não tens o direito a isso! *Sai*.

TERCEIRO ATO

PRIMEIRA CENA

Quarto na casa de Leonardo

LEONARDO (*escrevendo, numa mesa com ficheiros*): Esta seria a sexta lauda depois da refeição! Como não se sente o homem quando cumpre seu dever! Agora poderia entrar quem quisesse, mesmo sendo o rei – eu levantaria, mas não ficaria embaraçado! Faço uma exceção, é o velho carpinteiro! Mas no fundo, também ele consegue me afetar pouco! Pobre Clara! Ela me dá pena, não consigo pensar nela sem inquietação! Que não houvesse aquela uma noite amaldiçoada! Realmente havia mais ciúmes do que amor em mim, que me deixou louco, e ela certamente só se entregou para refutar minhas acusações, pois estava fria comigo como a morte. Ela terá dias difíceis pela frente, bom, também eu ainda terei muito aborrecimento! Cada um com seu fardo! Sobretudo o negócio com a pequena corcunda tem que estar firme, para que essa não me escape quando a tempestade desabar! Então terei o prefeito do meu lado e não precisarei temer nada!

SEGUNDA CENA

CLARA (*entra*): Boa noite, Leonardo!

LEONARDO: Clara? (*Para si*). Isso já não esperava mais! (*Em voz alta*). Tu não recebeste minha carta? Sim – talvez venhas no lugar do teu pai e queiras pagar os impostos! Quanto é mesmo? (*Folheando num livro*). Deveria saber de cabeça!

CLARA: Venho para devolver-te tua carta! Aqui está! Lê-a mais uma vez!

LEONARDO (*lê com muita seriedade*): É uma carta bem razoável! Como pode um homem a quem se confia o dinheiro público casar com alguém cuja família da qual – *cala uma palavra* – teu irmão faz parte?

CLARA: Leonardo!

LEONARDO: Talvez a cidade toda não tenha razão? Teu irmão não está na prisão? Nunca esteve na prisão? Tu não és a irmã de um – do teu irmão?

CLARA: Leonardo, sou a filha de meu pai, e não como irmã de um acusado sem culpa que já foi absolvido novamente, pois esse é meu irmão, não como moça que treme diante de vergonha imerecida, pois – *em voz baixa* – tremo ainda mais diante de ti, só como filha de um velho homem que me deu a vida estou aqui!

LEONARDO: E o que queres?

CLARA: Tu perguntas? Oh, que pudesse ir novamente! Meu pai vai cortar a garganta dele, se eu – casa comigo!

LEONARDO: Teu pai –

CLARA: Ele jurou! Casa comigo!

LEONARDO: Mão e garganta são primas próximas. Não vão fazer mal uma à outra! Não te preocupes!

CLARA: Ele jurou – casa comigo, depois acabo comigo, quero ser ainda mais grata a ti por isso do que por aquilo!

LEONARDO: Tu me amas? Tu vens porque teu coração te manda? Eu sou a pessoa, sem a qual tu não podes viver nem morrer?

CLARA: Responde a ti mesmo!

LEONARDO: Tu podes jurar que me amas? Que tu me amas como uma moça tem que amar um homem que quer se unir para toda eternidade com ela?

CLARA: Não, isso eu não posso jurar! Mas isto eu posso jurar: Se te amo, se não te amo, jamais vais descobri-lo! Quero te servir, quero trabalhar para ti e para comer não precisarás me dar nada, quero me sustentar sozinha, de noite quero costurar e tecer para outras pessoas, quero passar fome quando não tiver o que fazer, vou preferir morder no meu próprio braço do que ir a meu pai, para que ele não perceba nada. Quando tu me bateres porque teu cachorro não está à disposição ou porque tu te livraste dele, vou preferir engolir minha língua do que soltar um grito que pudesse revelar ao vizinho o que está acontecendo. Não posso prometer que minha pele não mostre as marcas do teu flagelo, pois isso não depende de mim, mas quero mentir, quero dizer que bati com cabeça no armário ou que escorreguei no soalho porque estava liso demais, quero fazê-lo ainda antes que alguém possa perguntar de onde procedem as marcas roxas. Casa comigo – não vou viver muito tempo. E se achares que está demorando demais e não quiseres gastar com os custos do divórcio para se livrar de mim, então compra veneno na farmácia e coloca em algum lugar como se fosse para os teus ratos, quero tomá-lo sem que nem mesmo tenhas que fazer um sinal e ao morrer quero dizer aos vizinhos que achei que era açúcar pulverizado!

LEONARDO: Uma pessoa da qual tu esperas tudo isso não vai te surpreender se disser não?

CLARA: Então que Deus não olhe para mim tão terrivelmente quando vier antes de ele ter-me chamado! Se fosse só por mim – eu carregaria esse fardo, queria aceitar pacientemente como punição merecida para não sei o quê, se o mundo me tratasse com chutes em minha miséria, no lugar de me apoiar, queria amar meu filho, mesmo tendo as feições dessa pessoa, ah, e queria chorar tanto diante dessa pobre inocência, que, quando fosse mais velho e mais inteligente, certamente não desprezaria sua mãe nem a amaldiçoaria. Mas não sou eu sozinha e mais facilmente ainda encontrarei uma resposta no dia do Juízo Final para a pergunta do Juiz: por que tu te mataste a ti mesma? do que a: Por que tu impeliste teu pai a isso?

LEONARDO: Tu falas como se fosses a primeira e a última! Milhares passaram por isso antes de ti e se sujeitaram a isso, milhares passarão por isso depois de ti e vão aceitar seu destino: Elas todas são putas, que tu queiras ficar sozinha num canto? Elas também tinham pais que inventaram uma porção de esconjuros quando ouviram isso pela primeira vez e falavam de assassinato e homicídio: Depois se envergonharam e fizeram penitência por suas juras e blasfêmias, sentaram e embalaram a criança ou lhe espantaram as moscas.

CLARA: Oh, quero acreditar que tu não entendes como qualquer pessoa no mundo deva manter sua jura!

TERCEIRA CENA

UM MENINO (*entra*): Aí estão flores! Não devo dizer de onde.

LEONARDO: Hm, as boas flores! (*Bate na própria testa*) Diabo! Diabo! Isso é bobo! Eu deveria ter enviado algumas! Como sair dessa enrascada? Dessas coisas não tenho ideia, e a pequena é certinha nisso, ela não precisa pensar em outras coisas! (*Ele pega as flores*). Mas não vou ficar com todas. (*Para Clara*). Não é verdade, essas aí significam arrependimento e vergonha? Tu não me disseste isso certa vez?

Clara faz sinal que sim.

LEONARDO (*para o menino*): Não esqueça disso, menino, essas são para mim, eu as coloco aqui, estás vendo, onde está o coração! Essas, as vermelho-escuras, que queimam como um fogo sombrio, tu levas de volta. Entendeste? Quando minhas maçãs estiverem maduras, tu podes voltar!

MENINO: Isso ainda vai demorar muito! *Sai.*

QUARTA CENA

LEONARDO: Sim, vês, Clara, tu falavas de manter a palavra. Justamente por ser um homem de palavra, tenho que te responder como te respondi. Escrevi há oito dias, não podes negá-lo, a carta está aí. *Ele lhe alcança a carta, ela a pega automaticamente.* Eu tive motivos – teu irmão – tu dizes, ele foi absolvido, isso me alegra! Nesses oitos dias eu comecei um novo relacionamento; tive o direito, pois tu não protestaste contra minha carta no tempo devido, estava livre no meu sentimento e diante da lei. Agora vens, mas eu já dei minha palavra e recebi uma, sim – *para si* – eu queria que fosse assim – a outra já está no mesmo caso contigo, tu me dás pena – *ele tira os cabelos dela do rosto, ela o permite como se não percebesse nada* –, mas tu entenderás – com o prefeito não dá para brincar!

CLARA (*como se estivesse ausente*): Não dá para brincar!

LEONARDO: Vês, estás ficando razoável! E o que diz respeito a teu pai, podes lhe dizer ousadamente na cara que ele sozinho é o culpado! Não fique me olhando desse jeito, não balance a cabeça, é assim, garota, é assim! Diz a ele, ele certamente vai entender e refletir, eu te garanto isso! *Para si.* Quem dá de presente a outros o enxoval da noiva, esse não pode se admirar que ela fique para trás. Quando eu penso nisso, minhas costas ficam bem tensas, eu poderia desejar que o velho sujeito estivesse aqui para receber uma lição. Por que eu tenho que ser cruel? Só porque ele foi um tolo! O que quer que resulte disso, ele tem de responder por isso, isso está claro! *Para Clara.* Ou queres que eu mesmo fale com ele? Por ti quero arriscar um olho roxo e ir até ele! Ele pode ficar violento comigo, ele pode jogar a descalçadeira de botas na minha cabeça, mas ele terá que engolir a verdade apesar da dor de barriga que esta vai lhe causar e terá que te deixar em paz. Podes confiar! Ele está em casa?

CLARA (*levanta*): Eu te agradeço! *Quer ir.*

LEONARDO: Quer que te acompanhe? Eu tenho coragem!

CLARA: Eu te agradeço como agradeceria a uma cobra que me enlaçou e que me soltou por si mesma, saltando porque uma presa melhor chama sua atenção. Eu sei que fui mordida, eu sei que só me deixa porque não lhe parece mais merecer o esforço de sugar o pouquinho de energia dos ossos, mas ainda assim te agradeço, pois agora tenho uma morte tranquila. Sim, homem, isso não é escárnio, te agradeço, sinto como se tivesse visto por meio do teu peito até as profundezas do inferno, e o que quer que seja meu destino na terrível eternidade, contigo não tenho mais nada a tratar, e isso é um consolo! E como o desgraçado, picado por um verme, não é repreendido quando abre suas veias em meio a arrepios e asco para que a vida envenenada possa emanar rapidamente, assim a graça eterna talvez se apiedará de mim, quando te vir, e a mim, o que tu fizeste de mim, pois por que poderia fazê-lo se jamais, jamais

teria permissão de fazê-lo? Só mais uma coisa: Meu pai não sabe de nada, ele não tem ideia, e para que ele nunca descubra algo, parto do mundo ainda hoje! Se pudesse pensar que tu – *Dá um passo selvagem na direção dele*. Contudo, isso é tolice, a ti só pode ser bem-vindo se todos estiverem aí, balançando a cabeça e perguntando-se em vão por que isso aconteceu!

LEONARDO: Há casos! O que há de se fazer? Clara!

CLARA: Embora daqui! O homem sabe falar! *Ela quer ir*.

LEONARDO: Tu achas que acredito no que tu dizes?

CLARA: Não!

LEONARDO: Graças a Deus tu não podes vir a ser uma suicida, sem ao mesmo tempo se tornar infanticida!

CLARA: Melhor as duas coisas do que patricida! Oh, eu sei que não se paga pecado com pecado! Mas o que vou fazer agora, recairá somente sobre mim! Se dou a faca na mão de meu pai, isso atingirá a ele e a mim! A mim atingirá sempre! Isso me dá coragem e força em todo meu medo! Tu ficarás bem sobre a terra! *Sai*.

QUINTA CENA

LEONARDO (*sozinho*): Eu tenho! Eu tenho que casar com ela! E por que tenho? Ela quer fazer uma travessura louca para impedir seu pai de fazer uma travessura louca; onde está a necessidade de que eu tenha que impedir a dela por meio de uma mais louca ainda? Eu não posso admiti-la, ao menos não antes até que veja aquele na minha frente que novamente se antecipe a mim com a mais louca, e se esse também pensar como eu, então não haverá fim. Isso soa bem razoável, e ainda assim – eu tenho que ir atrás dela! Alguém está vindo! Graças a Deus, nada é mais ignominioso quanto ter que brigar com os próprios pensamentos! Uma rebelião na cabeça, onde parimos uma minhoca atrás da outra e uma come ou morde no rabo da outra, é a pior de todas!

SEXTA CENA

SECRETÁRIO (*entra*): Boa noite!

LEONARDO: Senhor Secretário? O que me concede a honra –

SECRETÁRIO: Tu logo verás!

LEONARDO: Tu? Nós com certeza fomos colegas de escola!

SECRETÁRIO: E talvez também sejamos colegas de morte! *Saca pistolas*. Sabes como manuseá-las?

LEONARDO: Eu não entendo o Senhor!³

SECRETÁRIO (*engatilha a pistola*): Vês? Assim se faz. Então apontas para mim como estou apontando para ti e apertas! Assim!

LEONARDO: Do que o Senhor está falando?

SECRETÁRIO: Um de nós dois deve morrer! Morrer! E isso já!

LEONARDO: Morrer?

SECRETÁRIO: Tu sabes por quê!

LEONARDO: Por Deus, não!

SECRETÁRIO: Não faz diferença, na hora na morte já vais lembrar!

LEONARDO: Continuo sem ideia –

SECRETÁRIO: Reflete! Do contrário, poderia te considerar um cachorro louco que mordeu minha amada, sem se dar conta disso, e te matar a tiros como tal, mas por meia hora ainda tenho que te considerar meu igual!

LEONARDO: Não fale tão alto! Se alguém ouvir o Senhor –

SECRETÁRIO: Se alguém pudesse me ouvir, tu o terias chamado há muito tempo! Agora?

LEONARDO: Se for por causa da menina, eu posso casar com ela! Já estava quase que decidido a isso, quando ela mesma esteve aqui!

SECRETÁRIO: Ela esteve aqui e foi embora novamente, sem te ter visto a seus pés em arrependimento e pesar? Vem, vem!

LEONARDO: Por favor – o Senhor vê diante de si uma pessoa disposta a tudo que o Senhor lhe prescrever! Ainda esta noite vou me noivar com ela!

SECRETÁRIO: Isso quem fará sou eu ou ninguém. E se o mundo dependesse disso, nem a bainha do seu vestido tu vais tocar novamente! Vem! À floresta comigo! Mas que fique claro, te seguro pelos braços e, se no caminho soltares só um pio, então – *ele levanta uma pistola* -, tu vais me acreditar! De qualquer forma, para não caíres em tentação, pegamos o caminho pelos fundos da casa, pelos jardim!

LEONARDO: Uma é pra mim – Dê-a a mim!

³Nota do tradutor: mudança de tratamento

SECRETÁRIO: Para que tu possas jogá-la fora e me forçar a te assassinar ou te deixar fugir, não é? Paciência até chegarmos ao lugar, então compartilho honestamente contigo!

LEONARDO (*vai e derruba sem querer seu copo da mesa*): Não vou beber mais?

SECRETÁRIO: Coragem, meu rapaz, talvez corra bem, Deus e o Diabo parecem se bater constantemente pelo mundo, quem sabe quem está ganhando no momento! *Pega-o pelo braço.*

Saem os dois.

SÉTIMA CENA

Quarto na casa do carpinteiro. De noite.

CARLOS (*entra*): Ninguém em casa! Se não soubesse do buraco de ratos embaixo da porta, onde costumam esconder a chave quando todos saem, eu não poderia entrar. Bom, não faria diferença! Agora eu poderia correr vinte vezes em volta da cidade e imaginar que não haveria diversão maior no mundo do que usar as pernas. Queremos acender a luz! *Ele acende.* O isqueiro ainda está no antigo lugar, apostado, pois aqui em casa temos duas vezes dez mandamentos. O chapéu vai no terceiro prego, não no quarto! Às nove e meia tem que se estar cansado! Antes do dia de São Martinho ninguém pode sentir frio, depois de São Martinho ninguém pode suar! Isso está na mesma linha que : Teme e ama a Deus! Estou com sede! *Chama.* Mãe! Hm! Como se tivesse esquecido que está deitada onde nem mesmo o criado do taberneiro não precisa mais abrir sua bocarra de quebra-nozes com um “sim, senhor!” quando é chamado! Não chorei quando ouvi os sinos da morte no meu cárcere escuro, mas – sobretudo vermelho, tu não me deixaste fazer a última jogada na pista de boliche, embora já tivesse a bola na mão, não vou te deixar tempo para o último suspiro quando te encontrar sozinho, e isso ainda pode acontecer hoje à noite; eu sei, onde posso te encontrar às dez. Depois ao navio! Onde estará Clara! Estou tão faminto quanto com sede! Hoje é quinta, eles tiveram sopa de vitela. Se fosse inverno, teria sido repolho, antes da terça-feira de carnaval seria branco, depois da terça-feira de carnaval verde! Isso é um fato do mesmo modo como a quinta-feira tem que voltar quando a quarta-feira passou, para não poder dizer à sexta-feira: Vai tu no meu lugar, estou com os pés feridos!

OITAVA CENA

Clara entra.

CARLOS: Finalmente! Tu também não deverias beijar tanto! Onde quatro lábios vermelhos se juntam, lá se constrói uma ponte para diabo! O que tu tens?

CLARA: Onde? O quê?

CARLOS: Onde? O quê? Na mão!

CLARA: Nada!

CARLOS: Nada? São segredos? *Ele lhe arranca a carta de Leonardo*. Dá aqui! Quando o pai não está aí, então o irmão é o responsável!

CLARA: Esse pedaço eu segurei, e ainda assim o vento noturno está soprando com tanta força, que está arrancando as telhas! Quando passei pela igreja, uma caiu bem na minha frente, machucando meu pé. O Deus, pensei, mais uma! E fiquei parada! Teria sido tão bom, teriam me enterrado e dito: Sofreu um desastre! Esperei em vão pela segunda!

CARLOS (*Que leu a carta*): Trovões e – a mão que escreveu isso, vou deixar sem movimento! Busca uma garrafa de vinho! Ou teu cofrinho está vazio?

CLARA: Tem mais uma em casa. Eu a comprei às escondidas para o aniversário da mãe e a tinha posto de lado. Amanhã seria o dia – *Ela se vira*.

CARLOS: Dá-a a mim!

CLARA (*traz o vinho*).

CARLOS (*bebe apressadamente*): Bom, agora podemos começar novamente. Acepilhar, serrar, martelar, no meio tempo, comer, beber e dormir para que possamos continuamente acepillar, serrar e martelar, aos domingos ainda por cima ajoelhar: Agradeço Senhor que possa acepillar, serrar e martelar! *Bebe*. Que viva todo cão obediente que acorrentado não morda em volta de si! *Bebe novamente*. E mais uma vez: Que viva!

CLARA: Carlos, não beba tanto! O pai diz que no vinho está o diabo!

CARLOS: E o padre diz que no vinho está o bom Deus! *Ele bebe*. Veremos quem tem razão! O meirinho esteve aqui em casa - como ele se comportou?

CLARA: Como num albergue de ladrões. A mãe desmaiou e estava morta, assim que abriu a boca!

CARLOS: Bom! Se amanhã de manhã ouvires que o sujeito foi encontrado morto a pancadas, não amaldiçoe o assassino!

CLARA: Carlos, tu não farás –

CARLOS: Sou eu seu único inimigo? Ele já não foi atacado algumas vezes? Deveria ser difícil encontrar o certo entre tantos a quem a ação poderia ser atribuída, se este só não deixar chapéu e bengala no lugar. *Ele bebe*. Quem quer que seja: Que dê certo!

CLARA: Irmão, tu falas –

CARLOS: Não te agrada? Esquece? Tu não me verás mais por muito tempo!

CLARA (*estremecendo*): Não!

CARLOS: Não? Tu já sabes que quero ir para o mar? Meus pensamentos estão rastejando na minha testa para que possas lê-los? Ou o velho começou a brigar do seu jeito, ameaçando proibir minha entrada na casa? Bah! Isso não seria muito diferente do que se o lacaio da prisão me tivesse jurado: Tu não deves mais ficar na prisão por mais tempo, vou te empurrar para fora, ao livre!

CARLOS (*canta*):

Infla lá um navio as velas,
Fresco entra o vento rapidamente!

Sim, realmente, agora nada mais me segura no banco de carpinteiro! A mãe está morta, não há mais ninguém que após cada tempestade pararia de comer peixe, e já de jovem era meu sonho. Para fora! Aqui não vou crescer ou somente então quando souber com certeza que a sorte não é mais favorável ao corajoso que arrisca sua vida e joga de volta para ela a moeda de cobre que recebeu do grande tesouro para ver se ela a guarda ou lha devolve dourada.

CLARA: E tu queres deixar o pai sozinho? Ele tem sessenta anos!

CARLOS: Sozinho? Tu não ficas com ele?

CLARA: Eu?

CARLOS: Tu! Sua criança mimada! Que minhocas tu tens na cabeça para fazer essa pergunta! A felicidade dele eu deixo a ele, e de seu aborrecimento eterno ele está livre quando eu for, por que eu não deveria fazer isso? A gente não se dá de uma vez por todas, para ele não é apertado o suficiente em volta dele, ele quer fechar sua mão e rastejar para dentro. Eu quero me livrar da minha pele como se fosse a roupa de criança, se fosse possível! *Canta*.

A âncora é puxada,
A roda do leme no voo preparada,
Agora voando se sai velozmente!

Diz tu mesma, ele duvidou por um momento na minha culpa? E não encontrou consolo costumeiro com seu supersábio: Estava esperando isso! Já sempre pensei isso! Não poderia terminar de outro jeito! Se tivesses sido tu, ele teria se matado! Eu queria vê-lo se tu tivesses um destino de mulher! Ele teria a sensação de ele mesmo estar no resguardo! E com o diabo por cima!

CLARA: Oh, como isso oprime meu coração! Sim, eu preciso ir embora, embora!

CARLOS: O que isso quer dizer?

CLARA: Eu preciso ir à cozinha – o que mais? (*Coloca sua mão na testa*). Sim! Isso ainda! Só por isso ainda voltei para casa! *Sai*.

CARLOS: Ela me parece bem esquisita! *Canta*.

Um pássaro das águas audaz
Gira em volta do mastro a saudar!

CLARA (*entra novamente*): Feito o que faltava, a bebida do pai está na brasa. Quando puxei a porta da cozinha atrás de mim e pensei: Tu mais entrarás aqui! Passou um calafrio por minha alma. Assim também sairei desta sala, assim da casa, assim do mundo!

CARLOS (*canta, vai de um lado para o outro, Clara permanece no fundo*):

O sol brilha para baixo radiante,
Algum peixinho, alegre e brilhante,
Atrevido com o hóspede está a brincar!

CLARA: Por que então não o faço? Jamais farei? Vou adiá-lo dia após dia como agora, minuto após minuto, até – certamente? Por isso, embora! – embora! E ainda assim fico parada! Não sinto como se em meu ventre mãos suplicantes se levantassem, como se olhos? – *ela se senta numa cadeira* –. O que é isso? És fraca demais para isso? Então te pergunta se és forte o suficiente para ver teu pai com a garganta cortada – *Ela levanta*. Não! Não! – Pai nosso que estás no céu – santificado seja o teu nome – Deus, Deus, minha pobre cabeça – nem rezar não posso – Irmão? Irmão! – me ajuda –

CARLOS: O que estás fazendo?

CLARA: O Pai nosso! *Ela reflete*. Tive a sensação de já estar debaixo da água, de estar afundando e não ter rezado ainda! Eu – *de repente*. Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores! É isso! Sim! Sim! Eu lhe perdoo com certeza, já nem penso mais nele! Boa noite, Carlos!

CARLOS: Já queres ir dormir tão cedo? Boa noite!

CLARA (*como uma criança, rezando o Pai nosso*): Perdoa-nos –

CARLOS: Um copo de água tu ainda podias me trazer, mas tem que ser bem fresco!

CLARA (*com rapidez*): Vou te buscá-lo da fonte!

CARLOS: Bom, se quiseres, não é longe!

CLARA: Obrigado! Obrigado! Isso foi a última coisa que ainda me oprimia! O ato em si tinha que me trair! Agora vão dizer: Ela teve um acidente! Ela escorregou!

CARLOS: Mas toma cuidado, a tábua ainda não deve estar pregada!

CLARA: Tem o brilho do luar! – Oh Deus, só estou indo, porque do contrário viria meu pai!
Perdoa-me, como eu – Tem piedade – piedade – *Sai*.

NONA CENA

CARLOS (*canta*):

Gostaria de ter pulado,
Lá fora fica o reino meu!

Sim, mas antes – *Ele olha para o relógio*. Que horas são? Nove!

Jovem de anos estando,
Só o que me importa é estar viajando,
Para onde? A importância perdeu!

DÉCIMA CENA

MESTRE ANTÔNIO (*entra*): Eu teria que te pedir desculpas, mas se te perdoo por ter feito dívidas às escondidas e ainda por cima as pago para ti, acho que posso me poupar disso!

CARLOS: O primeiro é bom, o segundo não é necessário. Se eu vender minhas roupas de domingo, posso eu mesmo satisfazer as pessoas que têm alguns táleres a exigir de mim, e isso já farei amanhã, como marinheiro – *para si* – já falei! – (*em voz alta*) não vou mais precisá-las!

MESTRE ANTÔNIO: Que conversas são essas de novo?

CARLOS: Você⁴ não as ouve pela primeira vez, mas hoje você pode me responder o que quiser, minha decisão está tomada!

MESTRE ANTÔNIO: Maior de idade tu és, isso é verdade!

CARLOS: Exatamente por ser, não vou ficar teimando. Mas penso que peixe e pássaro não devem discutir se é melhor no ar ou na água. Só uma coisa. Ou você nunca mais me verá ou você vai me bater nas costas e dizer: Tu fizeste o certo!

MESTRE ANTÔNIO: Vamos esperar! Não preciso despedir o ajudante que pus no teu lugar. O que mais seria?

CARLOS: Eu agradeço a você!

MESTRE ANTÔNIO: Me diz uma coisa, o meirinho realmente te conduziu por toda a cidade, ao invés de te levar pelo caminho mais curto ao prefeito –

⁴ Nota do tradutor: mudança de tratamento

CARLOS: Rua acima, rua abaixo, pela praça do mercado, como o boi do carnaval, mas não tenha dúvidas, também a ele vou pagar antes de ir.

MESTRE ANTÔNIO: Não o critico, mas te proíbo disso!

CARLOS: Hm

MESTRE ANTÔNIO: Não vou te perder de vista e eu mesmo, eu ajudaria o sujeito se tu quisesses lhe fazer algum mal!

CARLOS: Eu pensei que você também amou a mãe!

MESTRE ANTÔNIO: Eu vou prová-lo.

DÉCIMA PRIMEIRA CENA

SECRETÁRIO (*entra pálido e cambaleando, apertando o pano contra o peito*): Onde está Clara? (*Ele recai sobre uma cadeira*): Jesus! Boa noite! Graças a Deus que ainda vim aqui! Onde está ela!

CARLOS: Ela foi para – Onde está ficando? As falas dela – estou ficando com medo! *Sai*.

SECRETÁRIO: Ela está vingada – o moleque está deitado – mas também eu estou – Por que isso, Deus? – Agora já não a posso mais –

MESTRE ANTÔNIO: O que você tem? O que há com você?

SECRETÁRIO: Já vai acabar! Dê-me a mão em promessa de que não vai rejeitar a filha – Você ouve, não rejeitar quando ela –

MESTRE ANTÔNIO: Essa fala é estranha. Por que haveria – ah, agora meus olhos estão se abrindo! Não teria feito uma injustiça com ela?

SECRETÁRIO: Dê-me a mão!

MESTRE ANTÔNIO: Não! *Coloca as duas mãos no bolso*. Mas farei lugar para ela, e ela sabe disso, eu disse a ela!

SECRETÁRIO (*horrorizado*): Você a – Infeliz, só agora te entendo bem!

CARLOS (*entra correndo*): Pai, pai, tem alguém no fundo do poço! Tomara que não seja –

MESTRE ANTÔNIO: A escada grande! Gancho! Cordas! O que está esperando? Rápido! Mesmo sendo o meirinho!

CARLOS: Já está tudo lá. Os vizinhos chegaram antes de mim. Tomara que não seja Clara!

MESTRE ANTÔNIO: Clara? *Ele se segura numa mesa*.

CARLOS: Ela foi buscar água e alguém encontrou seu lenço.

SECRETÁRIO: Rapaz, agora eu sei por que tua bala foi certa. É ela.

MESTRE ANTÔNIO: *Vá lá! Senta. Eu não posso! Sai Carlos. E ainda assim! Senta novamente. Se eu o – para o Secretário – entendi bem, então está tudo bem.*

CARLOS (*volta*): *Clara! Morta! A cabeça horripelantemente esfaçada no poço, quando ela – pai, ela não caiu, ela pulou, uma criada viu!*

MESTRE ANTÔNIO: *Ela deve refletir antes de falar! Não há luz suficiente para que ela possa ter diferenciado isso com certeza.*

SECRETÁRIO: *Você tem dúvidas? Você certamente gostaria, mas não pode! Pense naquilo que disse a ela! Você a mandou para o caminho da morte, eu, eu tenho culpa que ela não tenha voltado. Você pensou, quando supunha o sofrimento dela, nas línguas que sibilariam atrás de você, mas não na insignificância das cobras às quais elas pertencem. Então pronunciou uma palavra que a impeliu ao desespero. Eu, no lugar de abraçá-la, quando seu coração se ergueu diante de mim em temor inominável, pensei no rapaz que pudesse fazer uma careta diante disso e – agora pago com a vida por deixado que me tornasse tão dependente de alguém que era pior que eu. Também você, por mais ferrenho que esteja aí, também você ainda vai dizer: Filha, eu queria que tu não tivesses me poupado do balançar das cabeças e do encolher de ombros dos fariseus em minha volta, me oprime ainda mais que tu não possas estar sentada ao meu leito de morte e me enxugar o suor de medo!*

MESTRE ANTÔNIO: *Ela não me poupou de nada – a gente viu!*

SECRETÁRIO: *Ela fez o que pôde – Você não mereceu que seu ato desse certo!*

MESTRE ANTÔNIO: *Ou ela que não!*

Tumulto fora.

CARLOS: *Estão vindo com ela – Quer sair.*

MESTRE ANTÔNIO (*firme, como até o final, grita atrás dele*): *Na sala de trás, onde ficou a mãe!*

SECRETÁRIO: *Ao encontro dela! Quer levantar, mas cai. Oh, Carlos!*

Carlos o ajuda a levantar-se e o leva para fora.

MESTRE ANTÔNIO: *Eu não entendo mais o mundo!*

Ele fica em pé refletindo.

Recebimento: 14/03/2017

Aceite: 02/05/2017